



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

RELAÇÃO DA AFETIVIDADE PROFESSOR-ALUNO
NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

ÁGNES ALVES DE ARAÚJO

BRASÍLIA - DF
JULHO/2014.



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ÁGNES ALVES DE ARAÚJO

**RELAÇÃO DA AFETIVIDADE PROFESSOR-ALUNO
NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

BRASÍLIA – DF

JULHO/2014

ARAÚJO, Ágnes Alves.

Relação da Afetividade Professor-Aluno no contexto da Alfabetização. / Ágnes Alves de Araújo – Brasília, 2014.

84 fls.

Monografia [Graduação em Pedagogia] – Universidade de Brasília, 2014.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

1. Relação 2. Afetividade. 3. Professor-aluno 4. Alfabetização

TERMO DE APROVAÇÃO

ÁGNES ALVES DE ARAÚJO

RELAÇÃO DA AFETIVIDADE PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira – Orientadora
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Dra. Inês Maria Zanforlin Pires de Almeida
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Prof. Dra. Maria Celeste Said Silva Marques
Universidade de Brasília – Faculdade de Educação

Dedicatória:

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, a meus pais que sempre me apoiaram, a meu noivo que sempre esteve ao meu lado e a todos os colegas de profissão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente a Deus por ter me abençoado, me dado forças e capacitação para chegar até aqui enquanto estava fraca e desanimada. Por ter guiado e iluminado meu caminho.

Agradeço a meus pais, em especial à minha mãe que desde a minha infância me incentivou aos estudos, e apoiou minhas escolhas, além de nunca me deixar desistir dos meus sonhos. A meu pai por estar sempre ao meu lado.

Agradeço à minha avó que sempre se preocupou com meus estudos, me estimulou a ler e estudar. À minha irmã eu agradeço por todo o companheirismo e apoio até hoje.

Ao meu noivo Stêvanni que sempre me apoiou nos estudos, a dar continuidade a eles e com toda a ajuda nos trabalhos de faculdade, inclusive na leitura e revisão do presente trabalho.

Agradeço a minhas amigas que alegram os meus dias e me dão força para seguir em frente. A Sheyla por estar comigo desde o Ensino Médio e compartilhar momentos e segredos. A Helena Beatriz que me ajudou muito no meu curso de Pedagogia, inclusive no presente trabalho e alegrou minha rotina acadêmica. A Débora Lima que alegrou meus dias na faculdade e no estágio, compartilhando histórias e risadas. A Débora Samanta, Elisabeth Niman que fizeram parte desta fase da minha vida.

Agradeço às professoras e coordenadoras do estágio por ter acreditado em mim e ter oportunizado ótimos momentos de aprendizagem junto aos estudantes além de me indicar leituras com a temática do trabalho.

A banca examinadora, composta pelas professoras Maria Celeste e Inês Maria, que aceitaram analisar e avaliar este trabalho, tornando-se parte desta conquista.

A professora Teresa Cristina que se tornou parte essencial do presente trabalho e conquista aceitando ser minha orientadora, esclarecendo minhas dúvidas, me incentivando sempre a continuar e sendo um exemplo e inspiração de profissional da Educação.

Gostaria de deixar a todos o meu muito obrigada!

*“Um dos maiores danos que se
pode causar a uma criança
é levá-la a perder a confiança
na sua própria capacidade de pensar”.*

Emilia Ferreiro

RESUMO

ARAÚJO, Ágnes Alves. **Relação da Afetividade Professor-Aluno no contexto da Alfabetização**. Brasília: Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Julho, 2014.

A relação afetividade professor-aluno é uma temática muito pertinente ao trabalho pedagógico, considerando que dentro do contexto escolar professores e alunos estão em constante interação, no qual um provoca reações no outro. Por meio de teorias utilizadas como a histórico-crítica buscou-se estudar a interferência da afetividade nas estruturas da inteligência e o quanto as emoções, sentimentos, motivação e interesse desempenham um papel fundamental na aprendizagem dos estudantes incluindo a alfabetização. Considerando que neste momento educacional os alunos começam a decodificar o mundo por meio da leitura e escrita, sendo um período que as crianças estão dispostas a conhecer um mundo novo. Neste momento o professor torna-se peça essencial no desenvolvimento cognitivo do aluno. Este trabalho possui como objetivo geral analisar a relação professor-aluno e a relação da afetividade no processo de alfabetização. Diante do objetivo geral foram traçados dois objetivos específicos: observar situações cotidianas de relação professor-aluno, além de identificar e analisar as influências na aprendizagem de um professor afetivo. O presente estudo utilizou-se de três instrumentos de coleta de dados: roteiro de entrevistas, observações participantes e desenhos realizados pelos alunos. A pesquisa foi composta por vinte e dois alunos de Primeiro Ano do Ensino Fundamental e suas respectivas professoras. Os resultados indicam que a relação afetiva entre professores e alunos desempenha papel fundamental na aprendizagem destes. Conclui-se que por meio dessa relação ocorre maior motivação para os estudos.

Palavras-chave: Relação; Afetividade; Professor-Aluno; Alfabetização.

ABSTRACT

The teacher-student relationship affectivity is a very relevant subject to the pedagogical work, considering that teachers and students within school environment are in constant interaction, considering that one causes the other reactions. Through theories used in the present studied like critical historical was studied the interference of affectivity in the structures of intelligence and how emotions, feelings, motivation and interest play a key role in student learning including literacy. Whereas this educational moment students begin to decode the world through reading and writing, being a period that children are ready to learn a new world. At this time the teacher becomes essential piece in the cognitive development of the student. This work has as main objective to analyze the teacher-student relationship and the relation of affectivity in the literacy process. Given the overall goal two specific objectives were set: Observe everyday situations of teacher-student relationship, and identify and analyze the influences on learning of an affective teacher. This study used three instruments to collect data: set of interviews, drawings made by students and participant observations. The survey consisted of twenty-two students of the First Year of Elementary School and their teachers. The results indicate that the affective relationship between teachers and students plays a fundamental role in learning these. It is concluded that through this relationship occurs biggest motivation for studies.

Keywords: Relationship; Affectivity; Student-Teacher; Literacy

APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi estruturado em três momentos interligados, organizados em:

1) Memorial: Neste tópico é feita uma breve descrição e reflexão sobre a minha trajetória escolar, elencando momentos significativos para mim que possuíram grande influência para a escolha do tema desse trabalho monográfico.

2) Monografia: Neste momento ocorre a pesquisa propriamente dita e seu desenvolvimento, abordando a Introdução, o Referencial Teórico, os Procedimentos Metodológicos, a Análise e Discussão dos Dados e, por fim, as Considerações Finais. O tema da pesquisa, relação da afetividade professor-aluno é problematizado, discutido e analisado a partir das perspectivas propostas pelo referencial teórico e pelas informações obtidas a partir dos instrumentos de coleta de dados: roteiro de entrevistas, observações e desenhos realizados pelos alunos.

3) Perspectivas Profissionais: Esse espaço é destinado para a apresentação das minhas reflexões sobre projetos voltados para o meu futuro profissional, após a conclusão do curso de Pedagogia.

SUMÁRIO

Parte I – Memorial	14
1.1 Trajetória Escolar	14
1.2 O curso de Pedagogia	17
1.3 A escolha do tema	18
Introdução	20
Parte II - Monografia.....	22
Capítulo I - Afetividade.....	23
1.1 As fases do desenvolvimento segundo Henri Wallon	27
1.2 A importância das relações na Constituição da Afetividade	30
1.3 Relação Professor-Aluno	32
Capítulo II – Alfabetização	35
2.1 Métodos de Alfabetização	38
2.1.1 Métodos Sintéticos	38
2.1.2 Métodos Analíticos	49
2.2 O processo de aquisição da Leitura	41
2.3 O processo de aquisição da Escrita	42
Capítulo III - Metodologia	45
3.1 Método	45
3.2 Participantes	46
3.3 Instrumentos	47
3.4 Procedimentos	48
Capítulo IV – Análise e Discussão dos Dados	50
4.1 Análise da Entrevista com as Professoras	50
4.2 Desenhos dos Alunos	55
4.3 Observações	64
Considerações Finais	72
Parte III – Perspectivas Profissionais	74
Referências Bibliográficas	76
Anexos	81
Anexo I	82
Apêndice	83
Roteiro de Entrevista	84

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração I – Desenho da aluna Anita.....	57
Ilustração II – Desenho da aluna Suzanne.....	58
Ilustração III – Desenho do aluno Joaquim.....	60
Ilustração IV – Desenho do aluno Luciano.....	62
Ilustração V – Desenho do aluno Leandro	63

PARTE I
MEMORIAL

MEMORIAL

Neste memorial procuro fazer um inventário da minha trajetória da formação até chegar à Universidade de Brasília, e os caminhos que me levaram a eleger a relação da afetividade-alfabetização como tema do meu trabalho de conclusão de curso.

Acredito que a afetividade professor-aluno é um dos temas significativos a se trabalhar em sala de aula, além de exercer um papel importante quando se fala em alfabetização, uma vez que presenciei fatos em que quando a barreira de bloqueio referente à afetividade professor-aluno não é quebrada o aprendizado é dificultado, trazendo sérias consequências a todos os atores envolvidos neste processo.

Acredito que esta é uma temática relevante, visto que alguns profissionais da educação não percebem que este assunto interfere de forma significativa no aprendizado do aluno, fazendo com que muitas vezes, por falta de vivência, essa dimensão do desenvolvimento seja abandonada e nem se quer questionada.

Mesmo antes de presenciar e evidenciar certos fatos relativos à temática no estágio, já pensava acerca do tema, uma vez que durante o 2º segmento do Ensino Fundamental já me deparava com situações em que professor e aluno tinham uma relação difícil e complicada, até por falta de boa vontade das partes envolvidas.

Nesta etapa começam as fragmentações de disciplinas, com isso surgem mais professores. Lembro-me que na 5ª série a minha turma tinha um professor de História, que muitas vezes ignorava o conhecimento prévio dos alunos, com o tempo percebi que um dos meus colegas de classe ficou desmotivado a participar das aulas, no entanto, quando a turma se reunia para estudar antes das provas ele nos auxiliava grandemente nos conteúdos de História.

Mesmo esse fato não tendo ocorrido comigo foi significativo, porque pude perceber que muitas vezes os alunos entendem certos assuntos, mas por falta de um bom relacionamento entre professor-aluno o envolvimento durante as aulas fica comprometido. Acredito ser válido ressaltar que este não foi o único momento presenciado envolvendo esta temática, mas o mais reflexivo para mim.

1.1 A TRAJETÓRIA ESCOLAR

A trajetória escolar faz parte da vida de muita gente, é um momento único, prazeroso, angustiante, fraterno e especial. São vários os instantes que me marcaram e que

prevalecem em minha memória até hoje, coisas que penso que jamais poderei esquecer. Todos os meus momentos na escola são recordados com entusiasmo e saudosismo.

Por volta dos meus 5 anos, cursando o antigo jardim III encontrei uma professora que até hoje está guardada em minha memória, nessa época a minha irmã estava ingressando na escola, porém ela se recusava a ir por não querer ficar longe da nossa mãe, tendo presenciado várias vezes ela voltando com minha mãe e eu ficando na escola, esse foi um momento difícil, pois também queria voltar para casa, mas contava com o apoio da minha professora que me acolhia de forma tão prazerosa que normalmente não fazia birra para entrar na sala, nem muito menos participar das atividades propostas.

Na minha 2ª série tive o oposto do que havia vivenciado a 2 anos atrás, eu não gostava da professora, ela brigava muito com a turma e depois queria consolar, mas isso não me agradava nem um pouco, eu realizava todas as atividades, lembro que todo mês meu nome estava no quadro de aluno destaque em redação, mas nesse ano pedia para ficar em casa, fingia estar doente e outras vezes cheguei a ficar no pátio da escola com algumas meninas no lugar de estar na sala, nesse ano também comecei a ser mordida por uma menina, chegando toda semana com um roxo no braço, isso também ajudou para que este ano tenha sido angustiante para mim e jamais esquecido.

Depois desse período minha memória falha, voltando a lembrar mais a partir da minha 7ª série, em que estudava perto da minha casa, nesse ano já existia a segmentação das disciplinas, lembro do meu professor de Geografia e da professora de Educação Física, quando entrei na escola, entrei assustada pela fama ruim da professora de Educação Física e por ser fora da realidade que convivia, pois até o ano anterior só tinha estudado em escola particular, comecei um pouco receosa, tímida, e o professor de Geografia tinha um jeito meio arrogante, mas carinhoso, tendo sido o primeiro professor que me identifiquei, ele era muito exigente com os trabalhos, mas ao mesmo tempo atencioso, tendo sido compreensível em diversos momentos.

Em relação à professora de Educação Física comecei o ano com medo dela, ela era muito séria com os alunos e até hoje não gosto muito de me exercitar, mas lembro de um dia que estávamos sem professor e a minha sala era em frente à quadra e conversamos sobre diversas coisas, com isso tive a oportunidade de conhecê-la melhor e desde esse dia me sentia um pouco mais motivada a realizar as aulas.

Na 8ª série voltei a estudar em escola particular e lembro de dois professores, o de Inglês e de Artes, eles eram engraçados, davam entusiasmo às aulas, quebrando aquela

barreira que existe entre professor e aluno, gostava muito da aula deles, recordo sempre dos conselhos que eles davam. No final do ano, na última semana, o professor de Artes sentou-se na mesa conversando com minha turma, falando de relacionamentos, esse momento ficou extremamente marcado na minha memória por uma coisa que ele me falou.

No Ensino Médio comecei a estudar longe de casa, em uma escola pública na Asa Sul, tomei outro susto, tudo era diferente, a troca de sala, os alunos, a forma de agir dos professores e funcionários da escola, mostrando que o aluno era responsável por si, comecei com uma turma, mas no meio do ano o diretor implementou a diferenciação das turmas por nota, então troquei de turma, indo para outra com alunos de notas superiores, sofrendo muito com a separação dos meus colegas, mas com o tempo fiz novas amizades, lembro que na segunda semana vi que da minha ex-turma tinha um aluno, isso me alegrou muito, com o tempo ia me acostumando. Não me esqueço de um dia que minha amiga estava chorando por causa da separação de turma e estávamos sentadas no pátio da escola, depois o professor de Literatura chegou e sentou ao nosso lado, conversando com a gente, dando lições de vida. Confesso que eu tinha medo de conversar com esse professor, e à medida que ia falando mais ficava impressionada, com o tempo fui perdendo o medo de falar com ele, inclusive tirar dúvidas da matéria e ele também ficou mais legal com a turma, isso foi um grande marco no 1º ano do ensino médio.

No início do 3º ano a minha vida pessoal sofreu uma reviravolta, andando meio desanimada, nesse ano minha mãe optou por me colocar em um cursinho preparatório com o intuito de ocupar meu dia, isso me ajudou um pouco, mas também estava ficando muito doente, nesse ano comecei a sentar na frente dos professores. Um professor que gostava muito era o de Gramática, ele tinha uma cara rabugenta mas sabia que era legal, gostava da aula dele, um dia cheguei na aula dele muito triste, ele deu a aula e ao final da explicação me chamou para conversar e não começou perguntando o que era, mas me dando ânimo, melhorei um pouco, na aula seguinte ele me deu um livro de poemas que até hoje guardo com todo carinho, recentemente o encontrei no Inglês e conversamos muito, essa foi uma experiência muito diferente da que tinha com outros professores, pois embora eles nunca tenham me maltratado, não sentia confiança para conversar sobre outros assuntos.

O cursinho me ajudou, pois conheci novas pessoas, compartilhei experiências, momentos, mas não tive nenhum professor marcante, até porque eles ficavam pouco tempo com os alunos, mas em relação a amizades foi um período rico de amigos e muita aprendizagem.

1.2 O CURSO DE PEDAGOGIA

Neste tópico gostaria de destacar o papel do curso de Pedagogia em minha vida e os caminhos que me levaram a fazer um bom curso, com altos e baixos, mas sempre aprendendo mais, o que julgo extremamente importante.

Eu iniciei o curso aos 17 anos, logo após o Ensino Médio, na minha família fui super apoiada, pois até o início deste ano (2014) tinha sido a única a ingressar em uma universidade federal. Comecei o curso já presenciando metodologias e didáticas diversas entre professores, no primeiro semestre acabei conseguindo vaga em uma matéria a mais do que o proposto para calouros, era muito bom o clima entre os colegas de curso e os professores.

No segundo semestre já comecei com a ansiedade de conhecer novos professores e dar mais um passo para o meu sonho, neste semestre comecei a cursar muitas matérias para conseguir me formar no semestre proposto ou anterior, entretanto comecei a trabalhar, foi um semestre muito corrido, de muitos exercícios, sem folga, mas no final consegui alcançar minhas metas, foi bom pelo fato de eu ter me desafiado e ter mostrado, principalmente a mim, que eu posso e consigo. Durante esse semestre tive a oportunidade de conhecer minha orientadora na disciplina de Psicologia da Educação que me apresentou a teoria de Henri Wallon.

No terceiro semestre já estava sem trabalhar por motivos pessoais e decidi me dedicar mais ao curso, comecei me matriculando uma boa quantidade de créditos, entretanto não estava totalmente realizada, sentia que faltava algo aos meus dias, então voltei a procurar estágio e acabei conseguindo um na própria UnB, comecei muito animada, com ele eu conseguia estudar, os horários eram flexíveis, porém não tinha nenhuma relação com o meu curso, no entanto, continuei lá até conseguir um estágio melhor.

No início do quarto semestre estava estagiando em uma escola canadense, onde trabalho até hoje, estava muito empolgada, mas a rotina era complicada porque estava começando a estudar o nível avançado no Inglês, fazendo com que minhas horas livres fossem dedicadas ao estudo e trabalho, com o tempo comecei a me adaptar a rotina e aproveitar o final de semana, deixando apenas os trabalhos que não conseguia finalizar por demandarem tempo e concentração, esse foi mais um semestre de desafios e mais uma vez consegui alcançar minhas metas, incluindo a de conseguir matrícula em Psicologia da Personalidade que contribuiu com a escolha do tema da monografia.

No quinto semestre, já percorri mais da metade do curso e me encontrei em um estado mais cansado que no semestre anterior, nesse semestre peguei menos disciplinas do

que de costume por não encaixar no meu horário, o que me fez desanimar. Porém, como compensação a cada dia que se passa no meu trabalho me sinto realizada, pois percebo conexões com algumas disciplinas e isso tem ampliado mais os meus horizontes, entretanto, à minha volta na Faculdade de Educação sinto meus colegas de curso desanimados, acredito que isso, na minha percepção, se deve ao fato da desconexão entre teoria e prática disponibilizada na faculdade, eu até hoje não me arrependo de estagiar e ter o meu tempo reduzido em comparação com o de alguns colegas, me surpreendendo cada vez mais pelas coisas que tenho conseguido por meio do meu estudo e trabalho.

No sexto semestre voltei ao meu ritmo de disciplinas, pois pretendia concluir o curso em 7 (sete) semestres para ingressar mais efetivamente no mercado de trabalho e poder realizar concursos para a minha área de atuação profissional. Cada vez fico mais convencida de quão importante é esse tema na escola e que muitas vezes ele passa despercebido entre os profissionais, pretendo com meu trabalho de conclusão de curso retomar esse assunto e fornecer atualizações dessa relação.

Atualmente me encontro no sétimo semestre, diante de novas metas, objetivos e desafios. Embora tenha ficado com menor número de disciplinas por já ter completado a quantidade de créditos exigidos para a conclusão do curso, estou ansiosa com os desafios da monografia. Neste momento conto muito com o apoio da minha família, orientadora, noivo e amigos.

1.3 A ESCOLHA DO TEMA

Desde o quarto semestre vinha pensando no tema da monografia, pois vivenciei a minha mãe escrevendo a monografia dela tendo escolhido o tema no mesmo semestre, por meio das experiências vividas no meu trabalho eu optei pela relação afetiva entre professor-aluno, por ver o quanto isso é importante no dia-a-dia de uma escola e muitas vezes é deixado de lado para se cumprir apenas o planejamento proposto pela instituição.

O meu objetivo com a minha monografia é começar um estudo sobre a relação da afetividade professor-aluno no contexto da alfabetização tentando mostrar às pessoas que esse tema é muito pertinente à rotina escolar, principalmente no processo de alfabetização, e que sem ele é difícil um ensino de qualidade por esquecer um dos âmbitos do ensino e desenvolvimento humano.

Minha aproximação com o tema se deu de forma empírica, surgindo de observações da prática docente e de impactos vivenciados na minha prática e de outros

colegas de profissão. O meu estudo terá como base Wallon e Vygotsky, com o objetivo de fundamentar minhas ideias baseadas na prática.

INTRODUÇÃO

A afetividade e a alfabetização segundo Leite e Gazoli (2012) são assuntos intimamente ligados, uma vez que, por exemplo, quando o professor planeja uma aula ele está assumindo algumas decisões que terão inevitáveis consequências afetivas e cognitivas na relação que se estabelecerá entre o aluno e os conteúdos selecionados. Isso decorre do fato que eles (professor e aluno) possuem expectativas e irão ser provocadas reações.

É importante ressaltar a diferença entre afetividade, sentimento e emoção. A afetividade é a “...capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis” (ALMEIDA e MAHONEY, 2005). A emoção segundo as autoras é a exteriorização da afetividade e o sentimento corresponde à representação expressional da afetividade.

A temática considera-se importante devido a concepção de desenvolvimento dos indivíduos englobada, visto que Carrara (2004 *apud* Vigotski 1988), afirma o fato do desenvolvimento da inteligência e da personalidade ser extremamente motivado, ou seja, é resultado da aprendizagem. O autor por meio dessa frase confirma a ideia de crescimento por meio da aprendizagem, contudo a aprendizagem é algo construído socialmente segundo Vigotski, ou seja, por meio das interações as crianças constroem conceitos e conhecimentos além de ressignificar o mundo que vivem.

De acordo com Almeida e Mahoney (2005) o processo ensino-aprendizagem é uma unidade, ou seja, eles não existem de forma distanciada. Tanto o professor quanto o aluno são seres históricos concretos, possuem valores, histórias, experiências de vida e concepções. No processo de aprendizagem o professor deve considerar o aluno em sua concretude e totalidade incluindo-se a compreensão das suas dimensões cognitiva-afetiva-motora e social.

Dentro da dimensão pode ser incluída a alfabetização uma vez que ela “...se ocupa da aquisição da escrita, por um indivíduo ou grupo de indivíduos. É o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e escrever”. (THOMAS, 2009). Contudo, Soares (2003) afirma que a alfabetização abrange além da habilidade de escrita a de leitura, visto que está ocorrendo uma extensão do conceito de alfabetização para letramento em que a pessoa será capaz de fazer uso desses recursos, a escrita e leitura.

Segundo Ferreira (1996, p. 24) o desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social, no entanto as informações não são aceitas de forma passiva pelas crianças. Nesse contexto Almeida (1993) diz que a afetividade se constitui como elemento inseparável e irredutível das estruturas de inteligência, ou seja, embora o conceito de afetividade seja mais relativo à Psicologia ele possui sua importância dentro do contexto escolar por influenciar seu processo ensino-aprendizagem, no entanto, até que ponto essa relação ocorre?

De acordo com o exposto anteriormente, as questões norteadoras do presente trabalho são as seguintes:

- a) Como a relação professor-aluno ocorre no contexto da alfabetização?
- b) A relação afetiva entre professores e alunos ocorre diariamente? Por quê?
- c) A relação estabelecida entre professor e aluno influencia na aprendizagem dos discentes?

Para tentar responder estes questionamentos, os seguintes objetivos foram delineados:

Objetivo Geral:

- 1) Analisar a relação professor-aluno e a relação da afetividade no processo de alfabetização.

Objetivos Específicos:

- 1) Observar situações cotidianas de relação professor-aluno.
- 2) Identificar e Analisar as influências na aprendizagem de um professor afetivo.

Por meio dessas breves considerações pretende-se observar a afetividade professor-aluno no processo de alfabetização, uma vez é uma etapa de novidade para as crianças e consigo já traz alguns desafios.

PARTE II
MONOGRAFIA

REFERENCIAL TEÓRICO

CAPÍTULO I

AFETIVIDADE

A temática relação afetividade professor-aluno na alfabetização traz muitas discussões tanto entre estudiosos quanto entre os profissionais da área, sendo que as vezes o conceito de afetividade é desconhecido ou pouco estudado por parte dos profissionais desta área.

Vasconcelos (2004) em seu breve artigo publicado faz a conceituação histórica da afetividade na sociedade, no entanto é importante ressaltar que os termos utilizados na época eram emoções e sentimentos, pois o termo afetividade surgiu a algumas décadas atrás.

O autor aborda que a muitos séculos atrás, temas relacionados à emoção eram considerados inferiores, por acreditar que a razão predominava sobre a mesma. Naquela época o indivíduo era caracterizado como um ser guiado pela razão, não sendo capaz de demonstrar afeto ou afeição por algo/alguém, nem ser guiado por suas emoções. A razão desempenhava um papel muito importante nas sociedades daquele momento, sendo verificado isso até hoje nas salas de aula.

Para começar o nosso estudo sobre a temática é importante trazer um conceito sobre alguns termos: afetividade, emoção, sentimento e desejo. No primeiro momento a busca baseia-se no dicionário, onde pode ser encontrado o sentido literal das palavras. No dicionário pesquisado, não é encontrada a palavra afetividade, no entanto tem-se a palavra afetivo que é definida como: “1. Relativo a afeto ou a afetividade 2. que tem ou denota afeição; afetuoso.” (HOUAISS, 2010, p. 20).

A emoção é definida como “2. abalo afetivo ou moral”. (op. cit., p. 286). Por sua vez, o sentimento é conceituado como “2. Afeto, afeição, ligação 3. Expressão viva; entusiasmo, emoção 4. experiência afetiva de desprazer; tristeza, mágoa”. (op. cit., 2010, p. 708). O desejo, termo mais específico da psicanálise, se define como “1. vontade de conseguir algo, apatia”. (op. cit., 2010, p. 239).

Segundo Berch (2001, p.59) o termo afetividade é resumido como “todo o domínio das emoções propriamente ditas, dos sentimentos, das emoções, das experiências sensíveis e, principalmente da capacidade em se poder entrar em contato com as sensações”.

Essa autora já identifica a relação entre emoção e afetividade, adicionando o termo sensação. Por meio disso fica evidente que os indivíduos se constituem de vários sentimentos, e que estes impactam a forma do indivíduo experienciar o mundo e nele atuar.

Conforme Jean Piaget (1896-1980) é inegável a existência de uma constante interação entre a afetividade e a inteligência, podendo envolver significações distintas. O primeiro sentido mencionado em seu livro fala acerca do fato de que

a afetividade interfere nas operações da inteligência, que ela as estimula ou as perturba, que é a causa de acelerações ou retardos no desenvolvimento intelectual, mas que não pode modificar as estruturas da inteligência como tais. (PIAGET, 2014, p. 37).

O segundo sentido, e mais importante neste estudo, aborda o fato de que a afirmação anterior poderia ser dita ao contrário, uma vez que a afetividade intervém nas estruturas da inteligência, sendo que ela é “fonte de conhecimentos e de operações cognitivas originais.” (op. cit., 2014, p. 38)

A motivação é uma das formas visíveis de se perceber o grau de afetividade, pois o momento de sala de aula pede uma interação maior entre os pares, no entanto, quando não há uma sintonia, uma boa relação entre os mesmos, o desenvolvimento cognitivo fica comprometido. Henri Wallon (1879-1962) é um dos vários autores que afirmam a função excitante da emoção.

Retomando um pouco à pesquisa realizada no dicionário Houaiss (2009) acerca da palavra afetividade pode-se observar que ela está relacionada ao termo emoção e afeto, muito embora eles sejam distintos, uma vez que a emoção é a exteriorização do processo afetivo. Por meio dela as pessoas ao seu redor podem ter ideias de como ela está se sentindo. Mediante isto começa-se a observar a mudança de paradigma no que tange essa temática.

As emoções segundo Mahoney e Almeida (2007) tem um poder plástico, expressivo e contagioso, estabelecendo os primeiros laços com o mundo humano. A emoção é uma forma de participação mútua, mostrando as relações interpessoais entre os indivíduos. As autoras afirmam que a emoção estabelece um antagonismo entre emoção e atividade cognitiva, onde elas predominam de forma alternada.

Leite e Tagliaferro (2005, *apud* Wallon 1968;1989) afirmam que as emoções segundo este autor são reações organizadas, sendo estas manifestadas sob o comando do sistema nervoso central. O autor ainda nos diz que as emoções são estados subjetivos, porém

com componentes orgânicos. Elas são, portanto, acompanhadas de alterações biológicas, como aceleração dos batimentos cardíacos, por exemplo.

Os autores vão além da análise sobre a emoção, eles caracterizam o sentimento. Segundo eles os sentimentos possuem origem psicológica, sendo posteriores à emoção, atuando a partir do surgimento dos elementos simbólicos.

Mahoney e Almeida (2007) também explicam a diferença entre o sentimento, para elas o sentimento é a expressão representacional da afetividade, sendo que estes podem ser expressos pela mímica e pela linguagem, por exemplo.

Para Leite e Tagliaferro (2005) é importante a explicação da diferença de tais conceitos, pois muitas vezes eles são confundidos e possuem interpretações errôneas. Vale ressaltar que a afetividade tem uma concepção mais ampla e complexa, englobando sentimentos além da emoção, ocorrendo o surgimento de elementos simbólicos, além do fato de que a afetividade refere-se à capacidade de ser afetado por fatores externos e internos.

Conforme Mahoney e Almeida (2005 *apud* Wallon) para se estudar a criança é preciso analisar o meio ou os meios em que ela se desenvolve, permitindo dessa forma que seja ressaltada a concepção de mediação proposta por Vigotski¹. Para o autor o “bom ensino é aquele que garante aprendizagem e impulsiona o desenvolvimento” (CARRARA, 2004, p.144).

É importante que os docentes considerem o aluno como um sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem e que seus interesses são motivados por meio de sua interação com o meio e com os outros indivíduos, uma vez que a afetividade que inicialmente é determinada basicamente pelo fator orgânico passa a ser fortemente influenciada pela ação do meio social. (ALMEIDA, 2008).

O ambiente, no que se refere à aprendizagem, possui extrema influência, posto que boa parte dos conhecimentos e habilidades adquiridas são resultado da assimilação das experiências, sendo acumuladas no processo social.

As autoras Mahoney e Almeida (2005) nos diz que se a criança está aprendendo o afeto está presente, ou seja, o interesse/desinteresse está intimamente relacionado com o prazer/desprazer de determinado conteúdo, disciplina, podendo ser ou não vinculado ao professor e/ou meio.

¹ O nome do autor Vigotski aparece em muitos livros com diferentes escritas, no entanto, este trabalho optou por utilizar a escrita realizada por Martins Fontes no livro: A construção do Pensamento e da Linguagem.

Conforme Almeida (1993 apud Freud 1915;1974) a criança é dotada de pulsações e desejos, sendo estes os elementos que irão direcionar a aprendizagem dos alunos. Quando Freud é chamado para discussão ele ressalta a diferença entre afeto e afetividade, sendo válido ressaltar que eles acontecem no âmbito do inconsciente.

Para o autor os afetos são resíduos dos tipos de vivência, sendo que estes promovem um aumento da tensão quantitativa. (FREUD, 1997). A afetividade para a psicanálise é o conjunto de fenômenos psíquicos manifestados sob a forma de emoções ou sentimentos.

Relacionado a esse pensamento podemos integrar novamente Piaget que nos diz que “a afetividade desempenharia, então, o papel de fonte energética, da qual dependeria o funcionamento da inteligência”. (PIAGET, 2014, p. 43) Ou seja, as funções cognitivas e afetivas integram-se no mesmo conjunto, relacionando-se entre si para que o indivíduo se torne completamente satisfeito, posto que durante a etapa de infância estão presentes os aspectos de caráter emocional.

Mas o que nos diz Wallon?

Wallon afirma que a criança possui desenvolvimento cognitivo-motor-afetivo funcionando de forma integrada, ou seja, o indivíduo não é algo fragmentado, ele possui todas essas relações existentes ao mesmo tempo, no entanto, as emoções tem um papel predominante no desenvolvimento, sendo a afetividade utilizada como elemento importante para aumentar a eficácia. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005).

A afetividade está presente em diversos momentos da vida do indivíduo, desempenhando um papel muito importante com o seu educador, visto que por meio de uma má relação interpessoal o cognitivo fica comprometido, fazendo com que, desta forma, os educandos possuam barreiras intelectuais difíceis de serem reparadas com os anos seguintes.

De acordo com Galvão (1995) a idade escolar, após os 6 anos de idade, o interesse da criança volta-se para as coisas. Nesta fase a autora alerta para o fato de que a etapa de ternura da escola é minimizada, ficando na maioria das vezes inexistente. No entanto, nesta etapa o meio começa a ser propício para a diferenciação da personalidade da criança. Entretanto, embora a ternura da escola seja minimizada a afetividade, os sentimentos, emoções sempre estarão presentes durante o desenvolvimento intelectual.

A seguir estão resumidos os principais teóricos utilizados neste capítulo:

Quadro-Resumo dos teóricos

Nome do autor	Palavra-chave	Conceito Básico
Henri Wallon	Afetividade	O indivíduo deve se desenvolver integralmente (cognitivo, social, emocional).
Vigotski	Interação	Interações entre o indivíduo e o meio como desencadeador do desenvolvimento social e cognitivo.
Jean Piaget	Estruturas da inteligência	Conhecimento construído através da interação entre o sujeito e o meio.
Freud	Inconsciente	O comportamento do ser humano é influenciado por pensamentos presente no inconsciente.

1.1.AS FASES DO DESENVOLVIMENTO SEGUNDO HENRI WALLON

Após essas breves considerações sobre afetividade, assim como a noção de que a aprendizagem pressupõe a interação entre dois sujeitos, sendo entendido atualmente como um processo recíproco, no qual um sujeito sempre aprende com o outro e existe a necessidade de um mínimo de ligação entre os indivíduos.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005) a teoria de desenvolvimento de Henri Wallon possui alguns pressupostos básicos como o processo de integração em dois sentidos: integração organismo-meio e integração dos conjuntos funcionais. Ou seja, o processo ensino-aprendizagem só pode ser entendido como unidade, tornando-se, dessa forma, recurso fundamental do professor.

Esse processo além de possuir interferência do meio, possui elementos de constituição biológica, como a importância do entendimento das etapas de desenvolvimento

segundo Wallon. Entretanto, a autora Galvão (1995) chama a atenção que embora existam fatores orgânicos, esse desenvolvimento não ocorre de forma homogênea, uma vez que estes podem sofrer influência do meio social.

O desenvolvimento segundo Wallon (1979) é separado em estágios: estágio impulsivo-emocional, estágio sensório-motor e projetivo, estágio do personalismo, estágio categorial, estágio puberdade e adolescência e adolescência.

O primeiro estágio denominado de impulsivo-emocional compreende o período do nascimento até aproximadamente um ano de idade. Durante esta fase a criança se encontra em total dependência do outro, neste momento o adulto se apresenta para satisfazer todas suas necessidades (biológicas e psicológicas) tendo a compreensão de que sem sua ajuda a criança não poderá viver. Durante este momento a criança está voltada apenas para o “eu” e com forte predomínio da afetividade.

Este estágio possui dois momentos: o da impulsividade motora e o emocional. De acordo com Wallon (1979) o momento da impulsividade motora ocorre, normalmente, até o terceiro mês de vida, e é caracterizada por atividades realizadas por meio de reflexo e movimentos impulsivos. O movimento na teoria de Henri Wallon ocupa lugar de destaque por ser uma das principais formas de comunicação da vida psíquica com o ambiente externo.

O emocional, neste estágio, tem relação com a impulsividade, sendo que esta é traduzida por sinais estabelecidos entre a criança e o adulto em um círculo de trocas. Esse círculo de trocas acaba por condicionar e construir reciprocamente as reações do bebê. O afetivo neste momento possui o sentido da capacidade de afetar o outro, ou seja, o bebê afeta o meio que ele atua.

O segundo estágio, sensório-motor e projetivo, compreende desde um ano de idade até os três anos. Neste momento a criança começa a assimilar que suas ações provocam reações no outro, além de se observar que a sua vontade de investigar e explorar o mundo se torna cada vez mais presente. Essa etapa é marcada pelo início da linguagem e da independência da criança para se locomover, ou seja, o início da marcha.

Este período também é marcado pelo desenvolvimento da função simbólica e da linguagem. O termo projetivo presente na denominação deste estágio deve-se à característica do funcionamento mental neste período: o ato mental projetando-se em atos motores.

Em oposição ao estágio anterior, Mahoney contribui ao afirmar que

Este período é caracterizado por um tipo de inteligência denominado por Wallon inteligência prática. A capacidade de resolver problemas em determinado estado concreto é o que possibilita à criança a investigação do mundo pela manipulação dos objetos e pelos exercícios no espaço. (MAHONEY, 2004, p.84)

O terceiro estágio, e foco do presente trabalho, é denominado de personalismo. Segundo Wallon essa etapa vem a ser o estágio do espelho, sendo que ela ocorre por volta dos 6 (seis) anos de idade, faixa etária em que normalmente as crianças se encontram no processo de alfabetização. A principal característica deste estágio é o processo de formação da personalidade, posto que “a construção da consciência de si, se dá por meio das interações sociais, re-orienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas”. (GALVÃO, 1995, p. 44).

Neste período a criança se vê diante do novo: a definição da personalidade e a alfabetização. Considera-se muito importante nesta etapa a afetividade do professor, por meio desta dimensão de desenvolvimento do ser humano a criança abrirá possibilidade de aprendizagem em outras áreas, entendendo que as emoções e os sentimentos podem mudar de intensidade em função dos contextos, no entanto, nunca se ausentam.

O quarto estágio é denominado de categorial. Esse período ocorre entre os 6 (seis) e 11 (onze) anos de idade. Esse período é caracterizado por a criança perceber que há diferenciação entre ela e os outros ao seu redor, além de começar a substituir o sincretismo (não separação do eu e do outro).

Durante este estágio, por volta dos 6 (seis) e 7 (sete) anos de idade, torna-se possível a retirada da criança de atividades espontâneas para atividades que demandam maior controle e autodisciplina. A escola facilita o desenvolvimento de suas potencialidades juntamente com a família. Wallon designa a autodisciplina mental como atenção, sendo esta estabelecida devido à maturação dos centros nervosos de inibição e discriminação, ou seja, durante este período a parte psíquica do organismo atua fortemente quando relaciona-se à autodisciplina.

O quinto estágio é denominado de puberdade e adolescência compreendendo as idades a partir dos 11 (onze) anos. Nesse período aparece a exploração do próprio eu, em que se busca uma identidade autônoma. Durante esta época se tornam frequentes atividades de confrontos, auto afirmação, questionamento, hipóteses, dentre outros. Neste momento a autonomia se torna mais presente, fazendo com que os valores estejam mais presentes.

Nesta etapa também ocorre um novo contorno da personalidade, sendo altamente influenciado pelas mudanças no corpo e hormonais. Neste período o jovem nega a infância, ocorrendo a necessidade de conquista, renovação e aventuras.

No sexto, e último, estágio o indivíduo se reconhece como o mesmo e único ser construído diante das transformações dos estágios anteriores, começa a ser mais presente o reconhecimento de suas necessidades, suas limitações, valores, emoções. Neste momento existe um equilíbrio entre o estar centrado em si e no outro.

Segundo Pino (2010) Vigotski afirma que o importante no desenvolvimento das crianças é a maneira que o meio interage nos mesmos. No entanto ele distingue duas formas de tratar o meio. A primeira forma propõe considerá-lo em si mesmo, sendo um conjunto de elementos naturais concretos de leis ou regras que são articuladas com o todo. A segunda forma de tratar o meio é referente ao fato de considerá-lo a partir da influência que ele exerce no desenvolvimento humano.

Por meio dos estudos do autor o meio não pode ser analisado como algo estático, entendido como algo variável e dinâmico, com isso, o processo de desenvolvimento da criança acompanha a mesma lógica de processo dinâmico, sendo que o meio é extremamente importante na constituição da pessoa.

1.2. A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA AFETIVIDADE

Como já abordado anteriormente no texto, as interações desempenham papel importante quando se fala em afetividade. Vigotski é um dos principais teóricos nesta temática, segundo ele, o homem se constitui como ser humano por meio de interações com os outros indivíduos.

Vigotski possui sua teoria fundamentada no materialismo histórico-dialético. Segundo o autor, o contexto histórico é importante para a composição do sujeito e o meio social atua como fonte do desenvolvimento. Argyle afirma que

A interação social decorre dentro de um dispositivo cultural. Por cultura de um grupo de pessoas significam-se seu modo global de vida, sua língua, seus modos de perceber, classificar e pensar a respeito do mundo, formas de comunicação não-verbal e interação social, normas e convenções sobre comportamento, valores morais e ideais. [...] Todos esses aspectos da cultura afetam o comportamento social, direta ou indiretamente (ARGYLE, 1974, p.148).

Desde o nascimento os indivíduos precisam interagir com os outros para que consigam suprir suas necessidades vitais, como a alimentação. Essa interação é de extrema importância para a composição psíquica do sujeito. As crianças e os adultos trazem em si marcas de sua própria história. Acerca da forma que se dá esta interação, Vigotski (2000) afirma que ela se dá por meio da linguagem, sendo esta uma construção sócio-histórica.

A linguagem para o autor é além do sentido da palavra. Para ele “a função da linguagem é a comunicativa. A linguagem é, antes de tudo, um meio de comunicação social, de enunciação e compreensão.” (op. cit. , p. 11)

O desenvolvimento afetivo entre os pares, neste caso, professor-aluno, fica no âmbito mais psíquico do ser humano, no entanto, a linguagem é uma das formas de se perceber como está ocorrendo o desenvolvimento intelectual do indivíduo, uma vez que por meio de sua participação nas salas de aulas é possível verificar seu grau de aprendizagem.

Assim como Vigotski, o teórico Jean Piaget também destaca a função do meio na construção do indivíduo. Este autor traz à discussão dois termos: assimilação e acomodação. Para ele, “toda conduta é uma adaptação, e toda adaptação, o restabelecimento do equilíbrio entre o organismo e o meio”. (PIAGET, 2014, p. 41). Essa noção de equilíbrio entre o organismo e o meio traz uma contribuição importante para o desenvolvimento intelectual dos educandos.

É sempre válido ressaltar o lugar de destaque do meio em relação à constituição do indivíduo, visto que

o meio social é fonte de desenvolvimento e, essencialmente social. Ele oferece os momentos de experiências e aprendizagens resultantes da interação da criança com a cultura, com os adultos e da apropriação dos signos e símbolos. (KOSHINO; MARTINS, 2011 *apud* VIGOTSKI, 1994).

O que se pretendeu mostrar até aqui foi o fato de que o meio possui interferência na afetividade, e que esta atua como fonte energética para o desenvolvimento cognitivo do aluno em sala de aula, por promover a motivação e interesse.

Por meio dessas breves considerações é válido conhecer um pouco mais sobre como a relação professor-aluno feita de forma harmoniosa atua como facilitador de aprendizagem.

1.3.RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Dentro do contexto escolar, principalmente sala de aula, ocorrem duas formas de interação: professor-aluno e aluno-aluno. No entanto este trabalho visa analisar apenas a primeira dela, partindo do pressuposto de que toda educação supõe a presença de dois seres bem concretos: o que a dá e o que a recebe. (MARCHAND, 1985).

Em relação ao contexto de sala de aula ela é entendida por Vasconcelos (1993, p. 35) como

o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes.

Ou seja, este é um ambiente estimulador para a interação dos indivíduos e aprendizagens, partindo da concepção que todos possuem algo a contribuir no processo ensino-aprendizagem, além do fato de que o principal objetivo dos pais colocarem seus filhos em uma instituição escolar é a busca por um ensino de qualidade.

Marchand afirma que a pedagogia atual é baseada na psicologia da criança, considerando que é “impossível querer acelerar o desenvolvimento da criança mediante um ensino prematuro, mais aplicável ao adulto do que a ela própria.” (MARCHAND, 1985, p. 17).

Por meio dessa citação é importante que se faça uma reflexão acerca de como está se dando a prática pedagógica, uma vez que é importante os estudantes terem a possibilidade de aproveitar o máximo possível dos conteúdos ensinados de forma prazerosa e motivada, considerando tais conteúdos importantes para a vida.

Segundo Vigotski (1984), o educador precisa contextualizar a sua prática docente, considerando o aluno como um sujeito integral e concreto, historicamente situado, isto é, um indivíduo que a partir da sua história de vida, tem um capital cultural construído na interação com o meio em que está inserido, tendo uma identidade que além de individual, é também coletiva e que o liga a sua classe social de origem.

Retomando-se aos conceitos utilizados para definir afetividade observa-se que a motivação, interesse, desejo são essenciais para que o estudante aprenda o que está sendo

ensinado, pois ele precisa compreender que aquilo é importante para sua formação como sujeito de uma sociedade civil.

Além do fator intrínseco ao estudante, tem-se a forma que o professor o vê na sala de aula. Marchand (1985, p. 18) afirma que

o conteúdo da psicologia afetiva da criança é, frequentemente, resultado da posição sentimental do mestre: o autoritário provocará o temor inibitório no aluno; o que procura se fazer amar provocará na criança reações de complacência; aquele que se mostra maldoso despertará sentimentos e atitudes de oposição que levarão a uma educação contrária à desejada.

O que o autor tenta nos mostrar é que através da forma como uma pessoa age outra irá responder ao estímulo que está sendo enviado, fazendo com que as formas de atuação do indivíduo com o meio seja realizada por meio dos estímulos recebidos pelo mesmo.

Morales aborda em seu livro a existência de resultados não intencionais, ou seja, quando o estudante aprende algo que não estava no plano de ensino, este tipo de aprendizagem é conceituada como “o que se ensina sem querer ensinar e o que se aprende sem querer aprender”. (MORALES, 2006, p. 15-16).

É importante que os docentes se conscientizem que os alunos irão aprender coisas muito além do que estão sendo ditas oralmente, uma vez que no momento de alfabetização os alunos estão muito atentos a tudo à sua volta, como tom de voz, cores e expressões faciais.

No entanto Morales (2006) aponta o fato dos docentes estarem muitas vezes preocupados em avaliações formais como provas, avaliações, tarefas, visto que esta é uma das cobranças feitas aos professores. Entretanto, Queluz (1999) afirma que “o professor deve buscar o fazer pensar e propiciar a reflexão crítica e coletiva em sala de aula, ou seja, uma verdadeira atividade interativa que possibilite processos mentais superiores, ajudando os alunos a entenderem a realidade em que se encontram.” (p. 43).

Toda aprendizagem deve ocorrer de forma significativa, uma vez que os estudantes estão sedentos por saber mais, tentando mostrar todas as suas capacidades e potencialidades, neste momento a afetuosidade do professor é importante pelo fato de promover um ambiente de conforto para os alunos expressarem todos os seus saberes.

O ideal segundo Freire (2007) são professores sem receio de expressar sua afetuosidade, pois “é preciso não ter medo do carinho [...]. Só os mal-amados e as mal-

amadas entendem a atividade docente como um quefazer de insensíveis, de tal maneira cheios de racionalismo que se esvaziam de vida e de sentimentos”. (p. 69-70).

Os sentimentos são um elemento importante para a prática docente, tanto pelo fato dos professores gostarem do que fazem e assim procurarem novas formas atrativas dos conteúdos e, conseqüentemente, os alunos perceberão tamanha vontade de aprender que serão incentivados a fazer o mesmo.

Conforme Snyders (1993) “a escola deve proporcionar aos jovens vontade de viver e oferecer-lhes sustentação e ponto de apoio, e a arte mais importante do mestre é provocar a alegria da ação criadora e do conhecimento”. (p. 13). Por meio desta citação foi confirmado toda a posição adotada neste trabalho.

A alfabetização é uma etapa muito importante no desenvolvimento cognitivo do indivíduo por possibilitar uma leitura do mundo feita de forma letrada, em que ele utiliza de dois recursos importantes para o convívio em sociedade: a leitura e a escrita. Para que esta aprendizagem ocorra de forma prazerosa é essencial a boa interação entre professores e alunos.

CAPÍTULO II

ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um processo de aquisição da escrita e da leitura, ocorrendo normalmente entre os 5 e 7 anos de idade. Quando se fala em alfabetização podem ser abordadas diversas perspectivas, o que o presente trabalho irá abranger é principalmente o método construtivista, com destaque para alguns teóricos como Piaget e Emilia Ferreiro.

Como mencionado anteriormente Emilia Ferreiro (1936 - ____) terá papel de destaque neste trabalho, sendo válida uma breve contextualização de sua importância no âmbito da educação. A Revista Brasil Escola, por meio do autor Marcio Ferrari escreveu uma breve biografia sobre Emilia Ferreiro. A autora nasceu em 1936 na Argentina, tendo sido doutoranda de Jean Piaget, iniciando seus estudos acerca do desenvolvimento infantil. No entanto ela estudou uma área que seu mestre não havia se dedicado: a escrita.

A partir de 1974, Emilia desenvolveu uma série de estudos na Universidade de Buenos Aires que deram origem a um dos seus mais famosos livros: Psicogênese da Língua Escrita. Ana Teberosky foi sua parceira de estudos, ela é uma espanhola que assim como Ferreiro se dedicou ao estudo da alfabetização. Atualmente é professora titular do Centro de Investigação e Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, da Cidade do México, local onde atualmente reside.

Retomando à autora Emilia Ferreiro, ela publicou diversas obras tais como: Alfabetização em processo, Psicogênese da Língua Escrita, Com todas as letras, dentre outros. Esses livros apresentam uma grande influência nas escolas brasileiras e estudos relacionados à alfabetização, uma vez que eles explicam por meio do construtivismo como ocorre a aquisição da leitura e escrita pela criança.

Segundo Ferreiro (1986) um dos problemas cognitivos que pode ser identificado quando se aborda o desenvolvimento da leitura e da escrita é a relação entre o todo e as partes que o constituem. O sistema alfabético português ensina as bases, as letras, para que a partir delas os educandos constituam sua linguagem por meio da escrita e leitura.

Quando a criança começa a participar desse processo a primeira etapa é a observação da maneira como os jovens educandos escrevem seus nomes. A escrita do nome próprio é iniciada antes da alfabetização propriamente dita, pois este é o ponto de partida para começar a ler o mundo.

Emilia Ferreiro (1986) destaca que “a ligação entre a linguagem impressa e a oral não é imediatamente percebida pelas crianças.” (p. 24). Por meio dessa frase fica evidente o fato de que embora a alfabetização contemple o aprendizado da leitura e da escrita, este não é um processo unificado, verificando em alguns casos a predominância de um sobre o outro.

A linguagem expressa muitas vezes é considerada um problema para os educandos por existir a dificuldade de compreender a relação entre as formas gráficas (símbolos) e a linguagem oral.

O ambiente age como facilitador ou dificultador neste processo. Por meio dessa afirmação surge um termo relacionado à alfabetização: o letramento. De acordo com Soares o termo letramento possui seu surgimento interpretado como decorrência

da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. (SOARES, 2004, p. 96)

Uma autora conceituada neste tema é Magda Soares, ela publicou na Revista Diário da Escola (2003) que “letrar é mais do que alfabetizar, é ensinar a ler e a escrever dentro de um contexto onde a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno”.

Por meio dessas citações da autora verifica-se que este é um tema relativamente novo no contexto da alfabetização, no entanto, é muito importante, uma vez que segundo a definição ele vai além dos objetivos da alfabetização, promovendo a ampliação dos conhecimentos adquiridos por meio desta.

O ato de letrar um aluno é uma atividade que requer do docente a busca constante de contextualização para o aluno, promovendo dessa forma o maior interesse pelo ato de escrever, ler, ouvir e interpretar. No entanto, esse ensino deve ocorrer de forma gradual para que o discente crie suas bases para a formação de conceitos. Esse processo não deve ser distanciado da realidade, pelo contrário, ele deve possuir toda ligação possível com o aluno.

Retomando ao termo da alfabetização, alguns autores consideram que o desenvolvimento desse processo ocorre em etapas. Vigotski apresenta o processo de aquisição da linguagem, que será descrito neste trabalho.

Para Vigotski a aquisição da linguagem passa por todo um processo em que é essencial o aprendizado do significado de uma palavra. Para o autor a aquisição da linguagem

passa por um processo de conceituação em que, se requer uma relação essencialmente nova, efetivamente característica dos processos intelectuais superiores, o signo e as estruturas intelectuais.

Vigotski (2000) afirma que “através de palavras dotadas de significado a criança estabelece a comunicação com os adultos.” (p. 176). Neste momento de significação pela criança é importante que os adultos que a rodeiam possuam comunicação com ela, possibilitando, desta forma, que seu vocabulário seja ampliado e com isso ela consiga aprender novos significados e palavras.

Para o referido autor o processo de significação da palavra pela criança ocorre em três fases: A primeira fase é a de formação da imagem sincrética, ou seja, neste momento a criança se encontra aberta a novas provas e erros em seu pensamento, permitindo que, dessa forma, a criança passe por um momento de construção e reconstrução de significados.

A segunda fase é marcada pelo papel decisivo do visual na aprendizagem, sendo necessária a melhor disposição espacial das figuras. A imagem sincrética é formada com base nos encontros espaciais e temporais de determinados elementos. Neste momento continua sendo necessário que a criança se oriente pelos vínculos subjetivos que a percepção lhe sugere.

A última fase é considerada superior de todo esse processo por marcar a conclusão do primeiro estágio. Neste período a criança percebe que a imagem sincrética forma-se em uma base mais complexa, se apoiando na atribuição de um único significado aos representantes dos diferentes grupos que possui contato.

Toda aprendizagem possui uma metodologia, sendo que tais métodos são essenciais para promover a melhor forma de ensino para os educandos tenham oportunidade de adquirir novos conceitos e novas palavras advindas do sentido geral da linguagem.

No Brasil o Ministério da Educação é o órgão normativo do âmbito educacional. Este órgão em 1999 divulgou o projeto: Parâmetro em Ação. Este projeto tem como intenção “propiciar momentos agradáveis de aprendizagem coletiva.” (PEREIRA; VELIAGO; SOLIGO, 1999, p.7). Ou seja, o projeto surgiu a partir de um contexto em que foi percebido que a educação era essencial para o desenvolvimento do país e dos cidadãos.

De acordo com o Ministério da Educação, esse projeto veio a partir da necessidade de formar continuamente profissionais para atuar nesta área. Por meio disso também foi observado que os professoras deveriam possuir uma carga mínima de

conhecimentos a serem passados aos alunos, pois o aporte teórico se torna essencial para maior reflexão sobre a prática.

Atualmente a prática de alfabetizar possui aporte teórico distribuído em métodos. Vale ressaltar que o método não é algo estático, impossibilitando a prática docente inovadora. Os métodos são separados entre sintético e analítico.

2.1 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Como explicitado anteriormente, a alfabetização possui diferentes formas de ocorrer, sendo que, atualmente, o professor opta por qual método de alfabetização irá utilizar com seus alunos. No entanto, é importante saber que de acordo com Wallon (1989):

o pensamento da criança também se desenvolve fragmentariamente. Pode ser fácil reconhecer porque dois termos sucedem-se, mas, no conjunto em que se encontram, não há, frequentemente, unidade, nem de direção, nem de objeto, nem mesmo de intenção (...) suas reações dispersam-se à mercê dos motivos, quer externos, quer internos, que podem provocar uma dimensão ao interesse do momento. (p. 31).

A criança é um indivíduo que possui interesses, motivações e possui ideia do que lhe é mais importante. Neste momento a figura do professor e família se torna indispensável por promover as possibilidades e opções aos educandos.

2.1.1 MÉTODOS SINTÉTICOS

Os métodos sintéticos são assim classificados por possuir como pressuposto a análise primeira de pequenas partes das palavras, em que o aluno começa conhecendo as letras, a partir dela conhece as sílabas e a partir disso vai chegando à análise de estruturas maiores como frases e textos.

Conforme Mortatti (2000) o método foi utilizado muito tempo no Brasil oscilando com a soletração. Carvalho (2010) diz em seu texto que a soletração era baseada na carta ABC, tendo como objetivo maior o ensino da combinatória das letras. Esse era um recurso muito utilizado pelos professores, ele consistia em ter uma lista composta por sílabas. No entanto, uma das críticas que essa carta recebeu foi referente ao fato da não preocupação em o aluno ser leitor, mas sim, apenas decodificador de sílabas.

Mortatti (2006) afirma que outros métodos utilizados na marcha sintética são: fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação”. (p. 5). Estes métodos vigoraram no século XIX, onde foram criadas as primeiras cartilhas brasileiras. O autor acima referido seleciona a data de 1880 como o marco inicial, por ter sido publicado em Portugal a *Cartilha Maternal ou Arte da Literatura* (grifo do autor).

O método fônico é caracterizado por o professor dirigir a atenção da criança para a dimensão sonora da língua. (CARVALHO, 2010). Neste tipo de método o aluno aprende a produzir oralmente os sons representados pelas letras e uni-los, compreendendo que essa duas dimensões da língua (oral e escrita) possuem ligação no contexto brasileiro. Durante esta aprendizagem é muito importante que os discentes compreendam a necessidade de os alunos possuírem a dimensão auditiva aguçada.

Como último método da marcha sintética caracterizado por Mortatti (2006) tem-se a silabação. Esse método é caracterizado pela combinatória das sílabas, no entanto Carvalho (2010) faz uma crítica acerca da “ênfase excessiva nos mecanismos de codificação e decodificação, apelo excessivo à memória e não à compreensão, pouca capacidade de motivar os alunos para a leitura e a escrita.” (p. 23).

Ou seja, este método, assim como a soletração utiliza-se da cartilha, nesta cartilha as sílabas são colocadas em sequência como: va-ve-vi-vo-vu. Após a aprendizagem desta lição os alunos começam a aprender palavras com 3 letras e assim, começam a conhecer as palavras.

2.1.2 MÉTODOS ANALÍTICOS

Os métodos analíticos, também são conhecidos por métodos globais, por promover às crianças uma alfabetização feita a partir dos textos. Estes métodos, de acordo com Carvalho (2010) este método ganhou papel de destaque a partir do movimento da Escola Nova no final do século XX por ele valorizar a leitura, as bibliotecas, o gosto pelos livros.

Por meio dessa concepção de ensino a criança é considerada como sujeito dotado de uma visão sincrética, globalizada, sendo então necessário que a criança seja habilitada a perceber o todo, o conjunto, deixando de lado a visão fragmentada das situações.

Embora os métodos sintéticos estejam mais presentes no contexto brasileiro, existem alguns métodos analíticos, ou globais, que ganharam destaque no Brasil. Dentre eles destacamos: Método de Contos, Método Ideovisual de Decory e o Método Natural Freinet. É

importante esclarecer que a autora utilizada como referência para estudo deste método é Carvalho (2010).

O método de contos é considerado como um dos métodos globais mais antigos, tendo como pressuposto a exploração do grande prazer da criança em ouvir histórias para que assim, ela possa ser introduzida ao conhecimento da base alfabética da língua, além da promoção do gosto pela leitura.

Carvalho exemplifica como este método ocorre sendo que no primeiro momento é

Apresentada a história completa, o texto é desmembrado em frases ou orações, que a criança aprende a reconhecer globalmente e a repetir, numa espécie de pré-leitura. A seguir, vem a etapa de reconhecimento das palavras (em geral, certas palavras aparecem repetidas vezes, o que facilita a memorização). Depois disto é que se alcança a etapa de divisão das palavras em sílabas e finalmente a composição de novas palavras com as sílabas estudadas. (CARVALHO, 2010, p. 33).

Através desta exemplificação é possível observar que os alunos constroem significativamente as palavras, sendo compreendido pelos professores, que este é um ensino que valoriza o contexto dos estudantes.

O segundo método é o Ideovisual de Decroly que possui como princípios o respeito à personalidade da criança, aos seus interesses, seu ritmo natural e modos peculiares de ver o mundo. Por meio desses princípios o ensino é proposto por meio de centros de interesse, ou seja, os conteúdos seriam ensinados com os alunos divididos em grupos a partir e em torno de um tema de interesse infantil. Decroly compreendia que os centros de interesse possuíam como vantagem o fato das crianças passarem pelas três grandes fases do pensamento: observação, associação e expressão.

O método natural Freinet tem sido pouco difundido nas escolas brasileiras, no entanto seu método possui vantagens para o ensino da leitura e escrita. Freinet (1896-1996) acreditava que “a inteligência, o gesto, a sensibilidade desenvolvem-se através da livre expressão, do trabalho manual, da experimentação”. (CARVALHO, 2010, p. 37).

Este método pressupõe que as crianças aprendem a ler e escrever quando estão imersas neste ambiente, à medida que interage com livros, textos, histórias. Por meio desse pressuposto Freinet não dividiu o desenvolvimento em fases ou etapas.

Após essas breves considerações acerca de alguns métodos de alfabetização, agora ser iniciada a caracterização do ato de ler e escrever (principal objetivo da alfabetização).

Antes de tudo é importante lembrar que “ler e escrever não são atividades inversas, mas sim diferentes, que exigem que o sujeito ponha em jogo conhecimentos e recursos distintos”. (TEBEROSKY; TOLCHINSKY LANDSMANN, 2000, p. 220). As utilizações de tais recursos variam dos indivíduos, sendo que alguns precisarão de mais suporte na escrita/leitura do que outros.

2.2 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA

A leitura é parte intrínseca do processo de alfabetização, Lopes afirma que “a leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto.” (LOPES, 2010, p.14). No primeiro momento é válido ressaltar que nenhuma aprendizagem começa do zero, durante este momento há o processo de assimilação.

A assimilação segundo Piaget (2014) é o momento que o organismo conserva sua forma. Para que a assimilação ocorra é necessário que ocorra a incorporação de informações no próprio sujeito. Quando esse processo ocorre não há tradução de mudanças nos sujeitos, ou seja, ocorre a integração de novos objetivos em uma estrutura já existente.

O processo de leitura é caracterizado “como um processo no qual, para obter significado, o leitor recorre a fontes de informação visuais e não-visuais.” (FERREIRO, 1986, p. 69). Por meio disso verifica-se que no momento de aquisição dos elementos para a leitura os estudantes recorrem a todos os elementos fornecidos pelo meio.

A informação visual é muitas vezes referenciada aos elementos gráficos disponíveis no ambiente como: as letras, seus agrupamentos, os sinais gráficos, dentre outros. A informação não-visual é caracterizada como o conhecimento da língua que o leitor possui, ou seja, essa informação utiliza como base as trocas de conhecimento com o meio e os pares. Neste momento é de extrema importância a interação com as outras pessoas, pois por meio de símbolos a criança recorre a eles no momento da leitura.

Ferreiro (1999) afirma que as crianças leem a partir dos desenhos, uma vez que o texto se prediz a partir da imagem (elemento visual). A autora afirma também que este processo ocorre por meio de níveis de progressão. No primeiro momento o desenho e a escrita são concebidos como formas distintas de representar um mesmo significado, pois o texto é relacionado diretamente com o desenho.

Após este momento de ligação texto-desenho, a criança compreende que a escrita se diferencia da imagem, compreendendo que o texto é um enunciado verbal. Quando a

criança já começa a ter essa compreensão ela passa para o terceiro nível que é caracterizado por os educandos considerarem as propriedades do texto, percebendo que o texto é composto por partes que se tornam unidade, no entanto está presente no pensamento da criança a distinção entre o que está escrito e o que é para ler.

Quando a criança se encontra no último nível ela começa a colocar os fragmentos gráficos em correspondência com segmentos do enunciado. É importante ressaltar que Ferreiro (1999) ao dividir o desenvolvimento da leitura em níveis de progressão utiliza como forma de prognosticar as imagens realizadas pelos alunos.

Ferreiro e Palacio (1987) acreditam “que existe somente um processo de leitura, independentemente do nível de capacidade com o qual se utiliza este processo.” (p. 14). Ou seja, as autoras compreendem que a diferença do processo de leitura se dá a partir da maneira que cada leitor utiliza este processo unificado.

É importante ressaltar que o significado do texto ocorre através do leitor, dependendo, na maioria dos casos, do propósito do leitor, a cultura social, o conhecimento prévio, esquemas conceituais, dentre outros. (FERREIRO; PALACIO, 1987).

Todas as crianças possuem noção de como se dá a leitura, pois desde o nascimento ela se encontra em um ambiente totalmente letrado. As autoras ainda relatam em seu livro que o processo de leitura é composta de quatro ciclos: Ciclo ótico, Perceptual, Gramatical e Significado.

Segundo Ferreiro e Palacio (1987) estes ciclos acontecem por o leitor estar sempre voltado para a obtenção de sentido do texto, sendo que “cada ciclo é uma sondagem e pode não ser completado se o leitor for diretamente ao encontro do significado.” (p. 18) Ou seja, os professores devem respeitar o momento que cada aluno se encontra no processo de leitura para que a aprendizagem ocorra de forma satisfatória.

O ato de leitura deve ser concebido como um processo de coordenação de informações, superando a visão de que este ato é a mera adição de informações. Neste processo o objetivo final é a obtenção de significado expresso linguisticamente.

2.3 O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

A escrita é a aquisição do sistema alfabético, sendo considerada tradicionalmente, como a aprendizagem de um código de transcrição. Essa visão atualmente está superada, pois as crianças no contexto atual são estimuladas a escrever mais cedo, no entanto, essas escritas

primárias devem ser interpretadas como escritas verdadeiras, visto que embora não se assente nos princípios básicos do sistema alfabético possui uma sistematização, ou seja, possui princípios.

A entrada da pessoa na aquisição da escrita, segundo Magda Soares (2004) se dá através da aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida nos atos de ler e escrever. Ferreiro e Palacio (1987) afirmam que a escrita alfabética pode ter sido resultada de um tipo de fusão entre duas fontes gráficas: os desenhos representativos e ideogramas.

Assim como no processo de aquisição da leitura os desenhos desempenham papel importante por ser sua primeira forma de representação visual, no entanto a maioria das crianças encontra dificuldade em definir a fronteira de separação entre o desenho e a escrita, pois algumas delas não compreendem que a escrita ocorre dentro de um espaço específico.

Ferreiro (1986) compreende que a aquisição da escrita não ocorre instantaneamente, isto é, ela ocorre de forma gradual. Para fundamentar seu ponto de vista ela divide a aquisição da escrita em 4 níveis: nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético, nível alfabético.

O primeiro nível denominado de pré-silábico possui como característica a escrita feita de forma que as partes da escrita não correspondem as partes da palavras. Neste momento a criança está em uma fase gráfica primitiva, utilizando muito de um dos seus primeiros recursos de escrever o mundo: o desenho. Durante esse período a criança não liga muito para o nível sonoro das palavras, pois para eles a leitura e a escrita só se torna possível com no mínimo 3 letras diferentes.

O nível silábico é marcado pela descoberta de que a quantidade de letras para escrever uma palavra tem correspondência com a quantidade de partes reconhecidas na emissão oral. Neste nível a criança possui uma noção de sílaba, no entanto ela considera que a sílaba é composta apenas por uma letra, no entanto, os estudantes já aceitam palavra com 1 ou 2 letras.

O terceiro nível é intitulado de nível silábico-alfabético. Este momento é marcado por duas correspondências: silábica (uma sílaba produz apenas um som) e alfabética (análise dos fonemas). Este nível é marcado pela transição destas correspondências, sendo perceptível em sala de aula essa transição entre os esquemas prévios e os esquemas futuros.

O último nível é o nível alfabético. Este nível é caracterizado pela correspondência entre fonemas e grafias. É válido ressaltar que esse processo ocorre de forma gradual possibilitando que os alunos firmem bem suas estruturas cognitivas. Neste nível

ocorre a distinção entre letra e sílaba, palavra e frase. O aluno já começa a perceber seus erros e consertá-los de forma a utilizar de diferentes recursos, por exemplo, a sonoridade.

A escrita segundo Lopes (2010) possui o princípio básico que cada letra corresponde a um som, ou seja, é de extrema importância que os educandos compreendam que o princípio regulador da escrita é a correspondência grafema-fonema, sendo este o princípio do método fônico.

Por meio dessa breve explanação acerca de três conceitos importantes no âmbito escolar: afetividade, relação professor-aluno e alfabetização buscou-se embasamento teórico para analisar dados conseguidos por meio de observações, entrevistas e desenhos realizados por alunos de 1º ano do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

A metodologia de um trabalho é muito importante, pois ela auxilia o pesquisador na análise do objeto de estudo. De acordo com Mazzotti e Gewandsznajer (1999) para se obter uma boa metodologia é necessário que o pesquisador possua, no mínimo, uma primeira revisão de literatura para que o projeto seja elaborado com maior embasamento teórico.

Além da necessidade de uma revisão de literatura torna-se necessário que seja lembrado que “como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente a carga de valores, preferências, interesses e os princípios que orientam o pesquisador”. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 3).

Por meio dessa breve consideração realizada pelos autores, a escolha pelo estudo de caso e o método qualitativo se tornaram as melhores opções no presente trabalho, por contemplar os objetivos especificados anteriormente na introdução e por possibilitar ao pesquisador maior interação com os membros e a realidade, fazendo com que a pesquisa se torne única e uma base para futuras pesquisas com esse interesse.

3.1. MÉTODO

Como mencionado anteriormente a metodologia do presente trabalho se caracteriza como estudo de caso, predominantemente qualitativo, por não trabalhar com variáveis quantificáveis. O estudo de caso “se caracteriza como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente.” (GODOY, 1995, p. 25).

O propósito fundamental do estudo de caso é a análise intensiva de uma unidade. No presente trabalho é a análise de como se dá o relacionamento professor-aluno no contexto da alfabetização. No entanto, não é pretensão deste trabalho esgotar todas as dimensões dessa área de estudo, uma vez que o contexto da realidade é dinâmico e jamais serão esgotadas as suas possibilidades.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy possui algumas características básicas, pois esta perspectiva de pesquisa compreende que um

fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o

pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21)

A pesquisa qualitativa como anteriormente definida é considerada a melhor por analisar todas as variantes do ambiente, possibilitando ao pesquisador a maior aproximação possível com a realidade, visto que isso é importante para que se compreenda o fenômeno como um todo e não se tenha apenas uma visão fragmentada da realidade.

Por meio do aporte teórico desta pesquisa observa-se que o relacionamento entre o pesquisador e o pesquisado se dá, com o passar do tempo, por meio de uma identificação, posto que os sujeitos são sociais, permitindo que eles contribuam efetivamente para a realidade.

Conforme Flick os participantes são escolhidos propositalmente, integrando um pequeno número de casos. A coleta de dados é feita de forma aberta, posto que o objetivo é ter um quadro abrangente possibilitado pela reconstrução do caso estudado. Outra característica da pesquisa qualitativa é a “captação do significado subjetivo das questões a partir das perspectivas dos participantes”. (FLICK, 2013, p. 23).

3.2. PARTICIPANTES

O presente estudo teve como participantes alunos de uma turma de 1º ano de Ensino Fundamental. Esta turma é composta por 22 alunos, sendo 9 meninas e 13 meninos. Os alunos fazem parte da classe média-alta sendo que a escola atende a um público diversificado com alto poder aquisitivo.

Na turma todos apresentam idade entre 5 e 6 anos, alguns pais são mais presentes que outros, no entanto, as professoras tentam atingir os alunos de forma igualitária, proporcionando as mesmas condições de ensino.

As professoras também serão participantes nesta pesquisa, dentre outros motivos por participarem ativamente do processo de escolarização dos alunos. A turma é composta por 2 professoras, uma delas rege aulas em Português e outra em Inglês.

A turma, na minha observação, se encontra muito ativa durante as atividades, no entanto alguns alunos acabam atrapalhando o desenvolvimento da turma. A turma este ano está mesclada, pois quando os alunos ingressam no 1º ano do Ensino Fundamental, as turmas

anteriores se distribuem de forma que os alunos possuam um círculo de amizade maior, e de certa forma, separem-se os alunos que possuem maior dificuldade comportamental. Durante os momentos de observação não foi percebido nenhuma resistência dos alunos em relação a nova reconfiguração.

Os alunos possuem aulas em Português e Inglês no turno vespertino. A professora de Português está com ele no primeiro momento do dia, ela é casada, tem 39 anos, possui um filho e já atua a 18 anos nessa profissão, sendo que rege aulas nessa série a 5 anos. Ela não possui formação em Pedagogia, sendo graduada em Letras Inglês. A professora possui pós-graduação em três áreas, dentre elas a psicopedagogia.

A professora de Inglês leciona no segundo, e último, momento do dia, ela está noiva, possui aproximadamente 25 anos e já trabalha na escola como professora a 5 anos. No entanto, este é o primeiro ano dela atuando nesta série. Ela é formada em Pedagogia, não possui ainda nenhuma especialização.

3.3 INSTRUMENTOS

A coleta de informações do trabalho apresenta os seguintes instrumentos: Diário de campo da pesquisadora, roteiro da entrevista com as professoras e desenhos realizados pelos alunos com a temática: Como você se sente em relação às professoras?

O diário de campo é um instrumento muito importante pelo fato de possibilitar ao pesquisador refletir sobre os momentos vivenciados em sala de aula, proporcionando um olhar mais atento aos fatos da sala de aula. Esse é um instrumento cansativo, no entanto, de extrema importância para a compreensão da realidade, pois se torna um instrumento único do pesquisador.

O diário de campo consiste em registros de observações, sendo que esta

pode ser padronizada ou estruturada. Este tipo de observação é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda. (TRIVIÑOS, 1986, p. 153)

Ou seja, as observações realizadas devem possuir uma finalidade, pois por meio delas o pesquisador criará hipóteses sobre a problemática escolhida. Por meio das observações o diário de campo se torna essencial, visto que através de suas anotações o pesquisador pode compreender as dimensões explicativas que os dados possam exigir.

Conforme Triviños (1986) as anotações de campo podem possuir natureza distinta. O presente trabalhou optou por anotações de natureza descritiva, uma vez que no primeiro momento são descritos todos passos acessíveis à pesquisadoras e posteriormente analisados, não sendo proposto reflexão imediata sobre os fatos.

A entrevista é outro instrumento importante, pois ele faz parte das pesquisas descritivas uma vez que estas tem como finalidade “a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre as variáveis” (Gil, 1999, p. 44). Conforme o autor essas pesquisas possuem como prováveis instrumentos: levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. As entrevistas são consideradas relevantes por permitir ao pesquisador maior contato com a realidade vivenciada pelos entrevistados.

Para os professores as entrevistas contemplaram perguntas desde como eles se sentem diante da turma a como eles caracterizam a relação de afetividade professor-aluno.

Os desenhos constituirão o terceiro instrumento utilizado, pois a partir deles deverá ser feita uma análise sobre como os alunos se relacionam com os professores. Essa é uma forma muito válida para a pesquisadora, pois nos instrumentos anteriores não há interferência direta dos alunos e estes são essenciais no processo ensino-aprendizagem, considerando o desenho a linguagem dos alunos (MOREIRA, 1984).

3.4. PROCEDIMENTOS

As observações ocorreram durante os meses de fevereiro a abril, sendo que elas ocorreram duas vezes por semana, totalizando 22 observações. Os dias alternavam-se durante as semanas de forma que pudesse ter acesso à rotina de cada dia. Durante o momento de observação a intenção foi a de captar momentos de aproximação/distanciamento dos professores em relação aos alunos.

Como esta foi uma observação participante a pesquisadora possuiu proximidade com os atores educacionais: alunos e professores. A observação se tornou muito importante, pois como a pesquisadora já havia tido contato anteriormente com contexto da instituição ela pode comparar informações e momentos vividos.

As observações foram realizadas com o objetivo de compreender melhor o fenômeno: afetividade professor-aluno no contexto da alfabetização, uma vez que considera-se que o simples estudo desta temática não supriria as necessidades da pesquisadora. Tal tipo

de observação foi escolhida por meio das seguintes vantagens abordadas por Gil (1999): Facilita o rápido acesso a dados restritos e possibilita captar palavras cotidianas e o comportamento dos observados.

A professora recebeu a pesquisadora com entusiasmo, visto que em um momento anterior foi explicado o objetivo da observação e explicado que seria feita da forma mais ética possível, por meio disso, os momentos de observação foram realizados tranquilamente.

Em relação aos roteiros de entrevista, eles foram elaborados pela pesquisadora, tendo tido o cuidado de não ser invasiva, causando recusa em participar deste instrumento, muitas vezes constrangedor aos participantes. A escolha por coletar dados através da entrevista ocorreu devido a algumas vantagens abordadas por Gil (1999): Profundidade do comportamento humano, maior flexibilidade e possibilidade de captar a expressão corporal dos entrevistados.

Os desenhos foram feitos no decorrer das observações com alguns alunos escolhidos pela pesquisadora, tentando conseguir o universo mais completo possível. Os alunos convidados para realizar o desenho receberam o pedido e fizeram os desenhos na sala mesmo, em um espaço mais separado.

Os desenhos que foram considerados importantes para o presente trabalho por possibilitar que os alunos expressassem sua opinião de forma livre. Segundo Cox (s.d.) a maioria das crianças apresenta interesse em desenhar, muitas vezes por ter sido uma das suas primeiras formas de linguagem.

No próximo capítulo serão apresentadas as análises feitas a partir dos instrumentos de coleta de dados, buscando-se conexão com a realidade experienciada durante as observações, além de uma reflexão com a prática educativa e o aporte teórico utilizado durante todo o decorrer do trabalho.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O presente capítulo é dedicado a analisar os dados coletados por meio dos seguintes instrumentos: roteiro de entrevista estruturada; desenhos e observações participantes.

Iniciamos as análises dos resultados da pesquisa com as entrevistas realizadas com as duas professoras regentes da turma.

4.1. ANÁLISE DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORAS

Um dos métodos utilizados para coleta de dados foi a entrevista estruturada, sendo que ela é classificada como um entrevista que “desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os participantes” (GIL, 1999, p. 121).

A partir dessa breve definição ela se tornou atrativa à pesquisadora por contemplar um dos seus objetivos: observar como as professoras veem a turma. Por meio deste objetivo a entrevista ocorreu com as duas professoras (Português e Inglês) em horários diferentes e possibilitou que elas se sentissem mais livre para expressar seus sentimentos e pensamentos referentes à turma.

A entrevista contava com um roteiro pré-definido (ver página 88), no entanto havia possibilidade de ele não ser rigorosamente seguido, uma vez que durante as entrevistas pode ocorrer de uma pergunta ser melhor encaixada que a prevista no roteiro. Para efeitos da pesquisa as entrevistadas serão denominadas Carolina (Português) e Roberta (Inglês), nomes fictícios com o objetivo de assegurar a privacidade das professoras participantes.

A primeira pergunta da entrevista foi: Como você caracteriza a turma? As professoras apresentaram as seguintes respostas:

Carolina: Essa é uma turma heterogênea, sendo bastante agitada (...) mas é uma turma que “exige” (aspas da entrevistada) sempre mais. Eles estão ávidos por aprender.

Roberta: É uma turma heterogênea, como todas as outras, com crianças em diferentes níveis de desenvolvimento e aprendizado. É uma turma que no

geral demonstra interesse pelo aprendizado, é participativa, tem apresentado bom desenvolvimento da leitura em inglês e do raciocínio lógico matemático. É uma turma também bastante agitada, que por vezes necessita de redirecionamento para seguir os combinados da turma e focar nas atividades.

Essa primeira pergunta foi feita pensando em conhecer um pouco sobre a percepção das professoras sobre a turma, neste momento, sem aprofundar muito na temática da afetividade, pois dentro da perspectiva relação professor-aluno é importante considerar a representação dos dois grupos conforme Morales (2006) durante a prática de ensino podem existir resultados não intencionais e estes muitas vezes não são percebidos na correria do dia-a-dia. Tais resultados são caracterizados pelo autor como aquilo que se aprende sem ter sido necessariamente ensinado.

As respostas fornecidas pelas professoras foram bem parecidas, diferenciando-se por alguns termos. Nessa pergunta a primeira professora foi bem sucinta em sua descrição da turma, enquanto a segunda professora trouxe falas mais estruturadas, no entanto mais pausada.

O objetivo com a pergunta foi alcançado dando liberdade à segunda pergunta. Nesta segunda pergunta pretendeu-se saber se as professoras conheciam a teoria de Wallon.

Carolina: Não.

Entrevistadora: Por quê?

Carolina: Eu sou formada em Letras, talvez tenha estudado um pouco na faculdade, mas agora não lembro nada de sua teoria.

Roberta: Sim, um pouco.

Entrevistadora: Você poderia me dizer o que lembra?

Roberta: Sim (...) Esse foi um teórico que estudei durante a universidade, lembro-me que ele fala acerca da afetividade e de alguns estágios do desenvolvimento. Bom, só isso que lembro porque ele não foi um teórico muito aprofundado.

Como visto anteriormente a segunda pergunta foi relacionada à teoria de Wallon, um dos principais teóricos sobre afetividade. Essa pergunta foi feita com o intuito de iniciar a discussão acerca da afetividade, visto que no presente trabalho Wallon possui papel de destaque, sendo considerado o percurso da teoria afetiva.

As respostas foram dadas muito superficialmente, visto que apenas a professora de Inglês, Roberta, respondeu sobre o teórico. Com isso ela deu oportunidade à terceira

pergunta. A terceira pergunta foi realizada com o objetivo de perceber como ocorre a relação da afetividade professor-aluno em sala de aula, na perspectiva de cada professora.

Carolina: A afetividade quando demonstrada em sala de aula, resulta em experiências positivas, trazendo benefícios na aprendizagem do aluno. A segurança e confiança depositada no professor são fundamentais para a construção do processo de aprendizagem.

Diante da pergunta da professora Carolina foi questionado se ela tenta promover essa relação e como, uma vez que segundo ela a afetividade traz benefícios na aprendizagem dos estudantes. Piaget (2014, p. 67) afirma sobre a insistência dos discípulos de Wallon sobre “o papel fundamental desempenhado pela alegria e pelos sentimentos de triunfo no desenvolvimento da funções cognitivas”, ou seja, alguns teóricos confirmam a relação existente entre afetividade e aprendizagem.

Carolina: Sim.

Pergunta: Como?

Carolina: Eu sou uma professora muito firme com os alunos, mas toda vez que sinto um aluno ausente da aula, sem participar procuro perguntar o que está acontecendo e utilizar expressões tais como: Se precisar da minha ajuda pode falar que venho até você. Para mim, essa é uma relação que deve ser firmada na sala de aula.

Por meio das respostas fornecidas observa-se que a professora considera importante a criação de um vínculo afetivo com o estudante, visto que por meio desta relação bem firmada a mudança de humor do aluno fica mais perceptível e se torna um aliado do professor. De acordo com Almeida (2008) a afetividade no sentido mais abrangente está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo.

Roberta: A afetividade é imprescindível para que a criança aprenda. Quando a relação entre professor e aluno é positiva, pautada no respeito, carinho e cuidado isso traz grandes influências para um melhor desenvolvimento e aprendizado da criança. Quando há uma relação de afetividade, o aluno se sente mais motivado para aprender e o professor sente-se mais estimulado a procurar diferentes recursos, pensar em diferentes estratégias para incitar o aprendizado dos alunos.

A professora Roberta respondeu à terceira pergunta afirmando a importância da afetividade no contexto escolar, trazendo um elemento muito importante e anteriormente abordado no presente trabalho: a motivação. A motivação é um elemento muito importante na

sala de aula visto que segundo Mahoney e Almeida (2005) a relação de interesse/desinteresse por algo possui estreita relação como o prazer/desprazer de determinado conteúdo.

Após esta resposta também foi questionado à professora Roberta se durante o seu trabalho pedagógico ela tenta promover essa relação de afetividade e a resposta foi a seguinte:

Roberta: Sim, porque acredito que ela é muito importante no trabalho de sala de aula, no entanto acho importante considerar que nem todos os professores conseguirão desenvolver uma relação afetiva com todos os seus alunos.

A resposta da professora foi afirmativa justificando a importância da relação de afetividade em sala de aula, entretanto ela nos trouxe um elemento muito importante e sincero. Roberta acredita ser importante considerar que nem todos os professores conseguirão desenvolver uma relação afetividade com todos os alunos, isto é justificado por Vasconcelos (1993) que afirma a diferença entre os seres que estão em sala de aula, sendo que eles possuem experiências anteriormente concebidas, mas que esses saberes precisam ser rompidos para que novos saberes apareçam, ou seja, todos os indivíduos devem dar uma chance de conhecer o próximo.

Após esta pergunta foi questionado, diante do que elas falaram anteriormente, se a prática de afetividade professor-aluno acontece com todos.

Carolina: Na minha concepção ela deveria acontecer, mas vale lembrar que durante o momento de sala de aula estão presentes diversos tipos de personalidades e temperamento, sendo que algumas vezes pode ocorrer certo bloqueio diante de uma pessoa.

Roberta: Como mencionei na pergunta anterior nem todos os professores conseguirão desenvolver uma relação afetiva com todos, pois na sala de aula temos diversos tipos de alunos e alguns deles possuem um gênio mais difícil, complicando tal relação, entretanto, para mim, o professor deve buscar sempre manter tal relação com todos os alunos.

Diante desta pergunta e das falas das professoras observa-se que elas possuem um mesmo pressuposto: Essa relação deve ser mantida, no entanto ela não é fácil com todos os alunos. Essa concepção refere-se ao pensamento de Müller quando aborda que o professor e o aluno são dois seres diferentes, mas que no contexto de sala de aula todos devem ser tratados da mesma maneira, de forma a minimizar os conflitos existentes no cotidiano escolar,

considerando que a “relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem”. (MÜLLER, 2002, p. 276).

A quinta pergunta referiu-se ao planejamento, sendo questionado se elas elaboravam as aulas pensando em como é seu relacionamento com a turma.

Carolina: O planejamento ajuda o professor a definir os objetivos que atendam os reais interesses dos alunos e quando você envolve a afetividade na execução deste planejamento as chances de aprendizagem serão maiores.

A professora Carolina respondeu o papel guiador do planejamento, considerando que ele atua como facilitador da aprendizagem por tentar atender aos reais interesses dos alunos. Os interesses discentes possuem íntima relação com a motivação, considerada por Piaget (2014) uma das formas visíveis de perceber o nível de afetividade entre os pares, sendo ressaltado que dentro do contexto de motivação a relação professor-aluno também é fundamental, visto que quando esta relação não é bem firmada o cognitivo fica comprometido.

Roberta: Sim. O planejamento das aulas e atividades propostas é baseado no desenvolvimento e andamento da turma. Tenho duas turmas do mesmo ano, mas por vezes é necessário fazer adaptações em algumas atividades e propostas para que se adequem as características de cada turma, considerando o nível de desenvolvimento, de aprendizado, de maturidade, de comportamentos.

A professora Roberta afirmou que o planejamento das aulas é de acordo com o desenvolvimento da turma, exemplificando que este ano ela possui duas turmas da mesma série e que por vezes realiza adaptações nas atividades de forma que se adequem às características da turma. Conforme Koshino e Martins (2011 *apud* Vigotski, 1994) o meio oferece momentos de experiências e aprendizagens como resultado da criança com a cultura, além de considerar o fato de que cada indivíduo concebe a cultura de uma forma específica, justificando a diferença entre os alunos, mesmo que pertençam à mesma cultura e nível social.

Para finalizar a entrevista foi questionado se elas possuem alguma consideração acerca da temática: Relação da Afetividade Professor-Aluno no Contexto da Alfabetização e as respostas foram as seguintes:

Carolina: A afetividade é uma ferramenta fundamental para a aquisição do conhecimento, sendo assim, uma aliada para a alfabetização.

Roberta: É bem como eu falei na terceira pergunta. A afetividade é um ponto importantíssimo no processo de aprendizagem e no contexto da alfabetização segue o mesmo princípio.

A professora Carolina trabalha diretamente com a alfabetização então ela nos respondeu que a afetividade é uma ferramenta fundamental para a aquisição do conhecimento, sendo assim, uma aliada para a alfabetização. A professora Roberta trabalha com o mesmo grupo de aluno, no entanto suas aulas são ministradas em Inglês e por isso não trabalha diretamente com a alfabetização, mas afirma que essa relação é importantíssima para a aquisição de determinado conteúdo, conceito e se utilizada da forma correta traz resultados grandiosos tanto para o professor quanto para o aluno.

Como visto no referencial teórico deste trabalho a alfabetização é um momento muito importante para a criança, pois ela começa a ler e escrever o mundo à sua volta, se sentindo parte da realidade que convive, além de atribuir às palavras o meio de comunicação com os adultos. (VIGOTSKI, 2000)

O segundo momento de análise foi relacionado aos desenhos realizados por um grupo de alunos da turma observada com o objetivo de conhecer como se dá na percepção deles a relação professor-aluno utilizando-se de um recurso de linguagem muito importante para eles: os desenhos. Tal perspectiva é confirmada com Moreira (1984) que afirma o papel do desenho como meio de comunicação da criança.

4.2. DESENHOS DOS ALUNOS

Os desenhos dos alunos tornaram-se um instrumento interessante para a pesquisadora por possibilitar que conhecesse como as crianças se sentem diante das suas professoras, sendo que o desenho “é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala. A criança desenha para falar e poder registrar a sua fala. Para escrever. O desenho é sua primeira escrita”. (MOREIRA, 1984, p. 20). Para efeitos da pesquisa a análise dos desenhos não é feita com base psicológica, mas na visão de educadores.

Dentre o grupo de alunos foram selecionados 5 alunos, dentre eles 2 meninas e 3 meninos, sendo que no presente trabalho serão denominados de Anita, Suzanne, Joaquim, Luciano e Leandro. A escolha por tais alunos deveu-se ao fato de tentar contemplar ao máximo o universo, buscando alunos mais comportados e participativos na aula e alunos com maior dificuldade de comportamento e concentração.

As crianças realizaram os desenhos isoladamente, de forma que evitasse a influência do desenho de uma criança à outra. (COX, p. 73) Dessa forma foram chamados os alunos à medida que eles iam terminando a atividade. É válido ressaltar que a pergunta norteadora dos desenhos foi: Como você representaria você e suas professoras?

O primeiro aluno a contribuir com a pesquisa foi Anita, diante das observações ela se apresentou uma aluna bem tranquila, participativa e alegre nas aulas. Quando a aluna terminou a atividade a chamei para fazer um desenho, expliquei que era uma ajuda com o trabalho da faculdade e que não era para colocar o seu nome. Ela aceitou prontamente já pegando seu estojo.

Entreguei uma folha de papel A4 e pedi que desenhasse ela e as professoras, ela perguntou se também podia me desenhar e disse para ela realizar o desenho do jeito que preferisse. Anita desenhou ela, as professoras e as pesquisadoras em algum lugar com areia, sendo que ela se encontra um pouco distante olhando as outras pessoas do desenho.

Quando ela terminou o desenho foram realizadas algumas perguntas acerca do desenho:

Pesquisadora: Anita, quem você desenhou?

Anita: Eu aqui (aponta para o lado esquerdo da folha), você, a professora Roberta e a Carolina.

Pesquisadora: Por quê elas estão sorrindo?

Anita: Porque todas estão felizes.

Pesquisadora: E por quê?

Anita: Porque é legal estudar.

Pesquisadora: Que lugar é esse?

Anita: Estamos caminhando.

Pesquisadora: Por quê você não desenhou a escola?

Anita: Não sei (risos).



Desenho da aluna Anita

Por meio do desenho podem ser elaboradas algumas hipóteses acerca do relacionamento afetivo da aluna com as professoras. Através do desenho e das respostas fornecidas pela aluna observa-se que ela se sente bem em relação às professoras, no entanto optou por desenhar um lugar que não fosse a sala de aula.

Esse sentimento de bem estar é compreendido por Mahoney e Almeida (2007) como uma representação da afetividade, entendendo que tais sentimentos podem ser expressos pela mímica e linguagem, no presente estudo ela foi representada por meio da linguagem: fala e desenho.

Enquanto Anita terminava seu desenho outros alunos iam terminando a atividade proposta pela professora. Após o término do desenho e a conversa com Anita, a aluna Suzanne se dispôs a também participar desta atividade.

Esta é uma aluna que se apresentou durante as observações muito participativa e inteligente, no entanto em alguns momentos percebeu-se que ela sabe da sua capacidade cognitiva e se enaltece por isso. Após o término do desenho foram realizadas as perguntas:

Pesquisadora: Oi, O que você desenhou?

Suzanne: Eu desenhei, eu aqui (aponta para o lado direito do desenho), e as professoras Carolina, Roberta e a de música.

Pesquisadora: Por quê você está distante?

Suzanne: Porque eu gosto de observar os outros.

Pesquisadora: Por quê tem uma professora sem roupa no desenho?

Suzanne: Não sei.

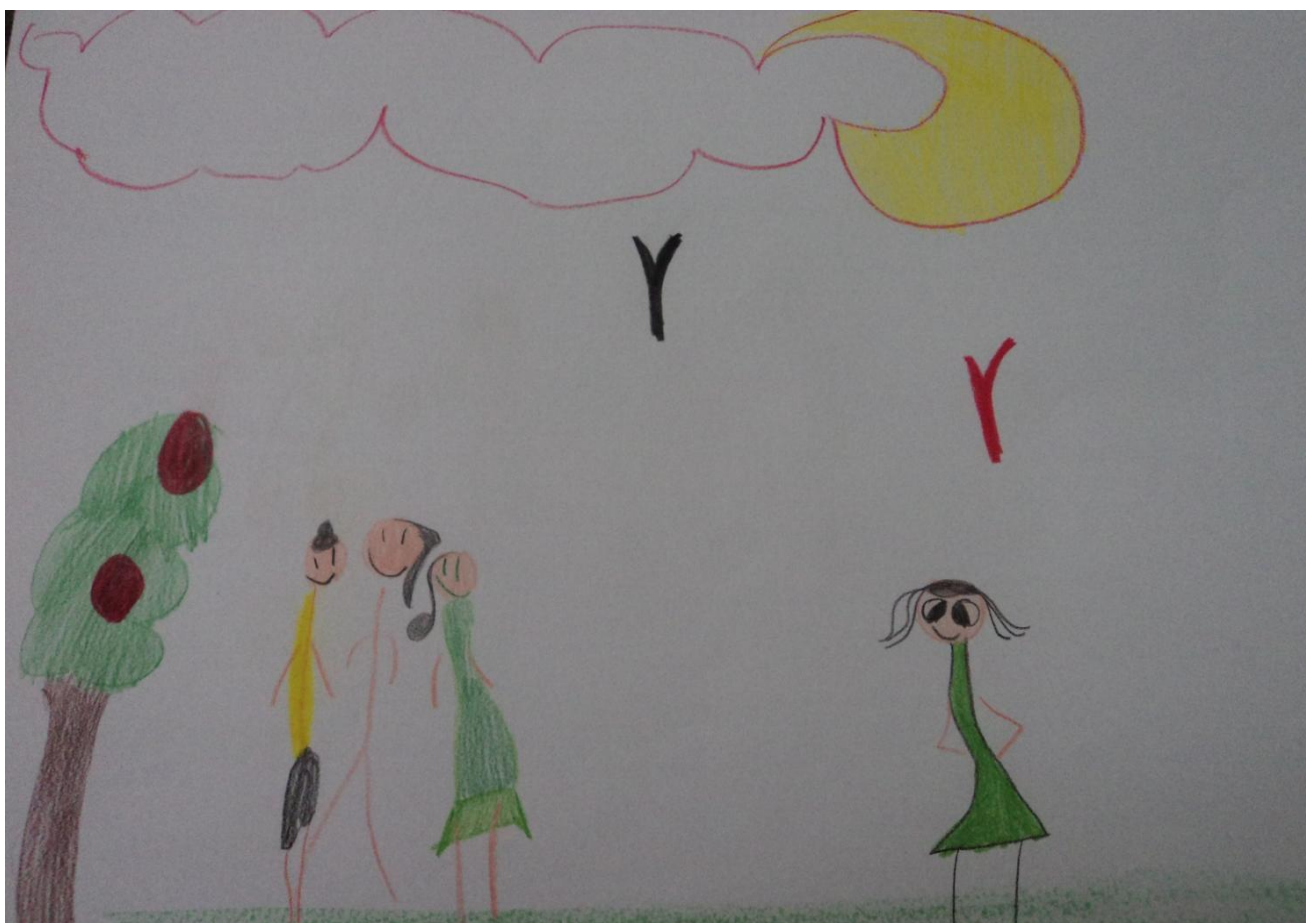
Pesquisadora: Bom... onde vocês estão?

Suzanne: No gramado aqui da escola.

Pesquisadora: Lá tem uma árvore?

Suzanne: Não, mas é porque eu sempre como maçã no lanche.

Pesquisadora: Que legal, pode voltar a brincar.



Desenho da aluna Suzanne

Esta aluna já nos trouxe um elemento a mais, a professora de música, acredita-se que ela pode ter sido representada por hoje eles irem à aula de música. Em relação ao desenho e as respostas de Suzanne observa-se que ela é uma aluna com uma postura muito além de sua idade, tendo sido refletida por meio de sua fala: “Eu gosto de observar os outros”.

Diante das respostas pode ser traçada a hipótese de qual estágio do desenvolvimento segundo a teoria de Wallon ela se encontra o personalismo. Essa fase é definida como a etapa do espelho, em que as crianças estão formando sua personalidade, sendo que neste momento segundo Galvão (1995) a consciência da criança se dá por meio das interações sociais, justificando sua fala ao afirmar que ela gosta de observar as outras pessoas que tem contato.

Em seu desenho ela traz outros elementos novos referente à aluna anterior. Ela realiza um desenho com mais elementos espaciais, como uma árvore, nuvens, um sol bem amarelo. Por meio de sua fala ela traz que a representação é feita em uma espaço da escola, utilizado por eles durante o recreio: o gramado e que para ela é um momento a mais com as professoras.

O terceiro aluno a participar da pesquisa foi Joaquim. Em seu desenho ele se representa ao meio de duas mulheres e ao seu lado esquerdo um menino. Após uma breve observação do desenho foram feitos os seguintes questionamentos:

P: Oi Joaquim, você pode me dizer o que desenhou?

J: (O aluno começou a apontar da esquerda para a direita) Esse aqui é o Marcelo, um colega meu aqui da sala que jogamos futebol, esse sou eu de vermelho, essa é a professora Carolina e a professora Roberta.

P: Você desenha muito bem, parabéns.

J: Obrigado.

P: Onde vocês estão?

J: Sei lá.

P: Por quê você não sabe?

J: Sei lá.

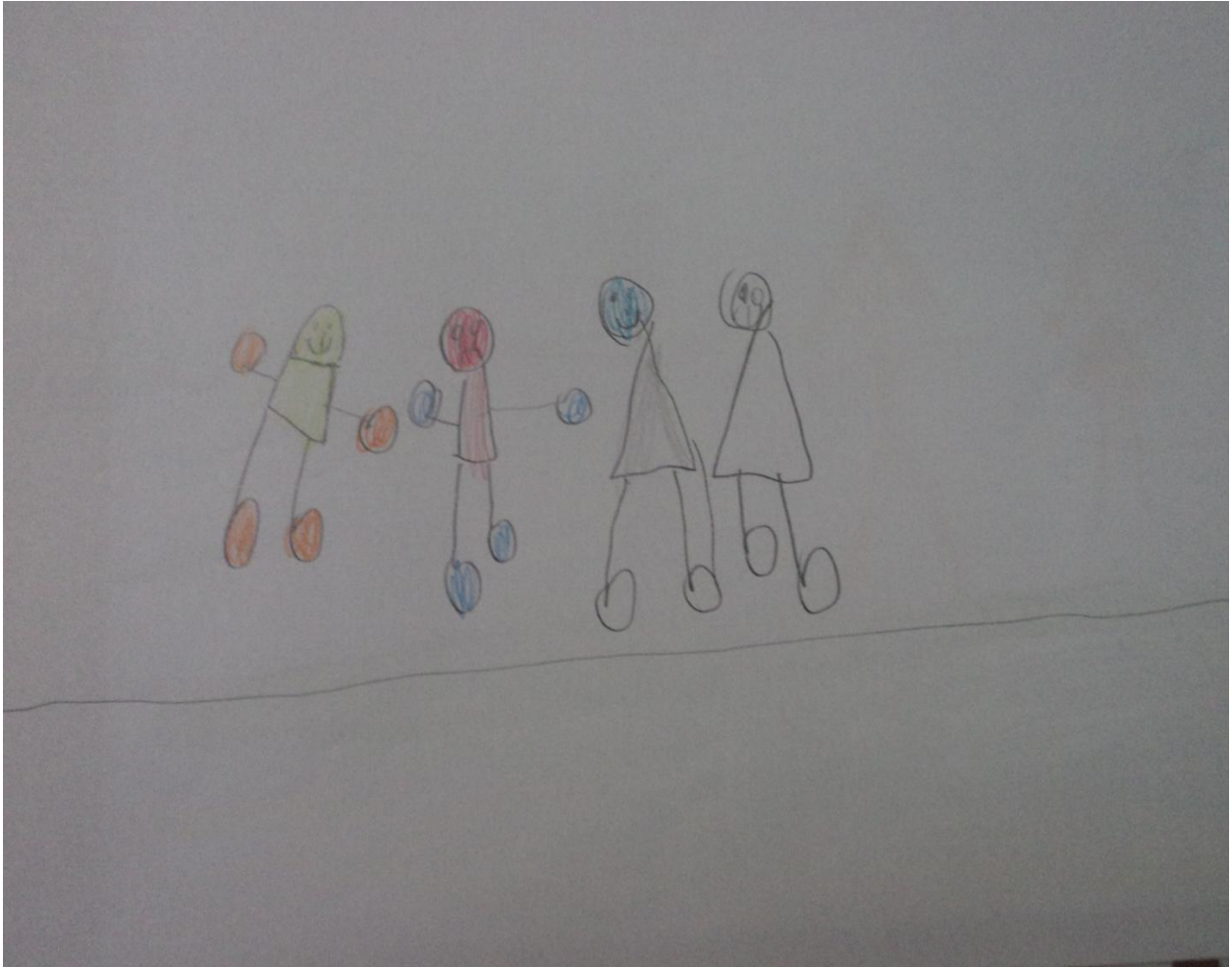
P: Bom, por quê você está triste?

J: Porque eu queria estar em casa com meu avô, mas tenho que vir para a aula.

P: E por quê os outros estão felizes?

J: Porque eles estão tentando me fazer feliz.

P: Tudo bem, pode voltar a ficar com os seus colegas.



Desenho do aluno Joaquim

Este aluno foi escolhido por se apresentar como um aluno ativo, alegre, no entanto desde o retorno do feriado ele tem ficado quieto durante as aulas e isso se apresentou no desenho. O desenho é uma das formas da pessoa representar o seu mundo, sendo que foi realmente isso o que Joaquim fez, ele representou como ele se sentia: triste com pessoas tentando animá-lo, mas em um universo sem cores.

Por meio da entrevista com o aluno podem ser pontuados dois aspectos: a interação e a relação professor-aluno. A interação dirige-se especialmente ao colega de classe, considerando que ela desempenha um papel importante quando se aborda a temática de afetividade.

Vigotski (2000) afirma que as interações sociais decorrem dentro de um dispositivo cultural, neste caso a escola. Considerando ainda que tais interações com os pares possuem extrema importância na composição psíquica do sujeito, ou seja, por meio de tais interações o indivíduo constituirá seu aparelho psíquico.

No presente caso a interação entre Joaquim e o colega de classe pontua um aspecto importante, pois ele se sente importante no grupo a qual se encontra e isso faz com que sua vontade de voltar para casa e ficar com o avô seja amenizada e um pouco controlada.

Além desta interação com o colega o aluno pontua as professoras como papel de destaque, visto que elas, segundo ele “estão tentando me fazer feliz”. Por meio desta observa-se que a relação de afetividade professor-aluno está bem firmada, visto que as emoções são consideradas, em que por meio dela pode ser vista uma forma de participação mútua evidenciando as relações interpessoais. (MAHONEY e ALMEIDA, 2007).

Quando a conversa entre a pesquisadora e Joaquim terminou faltavam poucos minutos para o recreio dos alunos, então a continuação dos desenhos ficou para a aula de Inglês.

Quando a aula de Inglês começou a pesquisadora já haviam conversado e combinado o melhor momento para retirar os últimos dois alunos da atividade, no entanto ela pediu que eles fizessem o desenho ao mesmo tempo e assim foi feito.

Em determinado momento da aula de Inglês Luciano e Leandro, eles ficaram um de costas para o outro a fim de dar maior privacidade a eles. Luciano foi o primeiro a terminar o desenho então após observar o desenho foi questionado:

Pesquisadora: Oi Luciano, o que você desenhou?

Luciano: Eu desenhei eu e as professoras.

Pesquisadora: Todos estão felizes?

Luciano: Acho que sim.

Pesquisadora: Onde vocês estão?

Luciano: No parque perto da minha casa.

Pesquisadora: Por quê não estão na escola?

Luciano: Porque eu já fico muito tempo aqui.

Pesquisadora: Por quê você utilizou uma cor diferente para se desenhar?

Luciano: Porque eu sou aluno e elas professoras.

Pesquisadora: Você se sente bem com elas?

Luciano: Sim, mesmo ela dando bronca às vezes na turma.



Desenho do aluno Luciano

Este aluno foi bem animado nas suas respostas, considerando que mesmo as professoras sendo exigentes em algum momento com a turma ele se sente bem com elas, não sentindo vontade de faltar as aulas. Mais uma vez o desenho foi realizado fora do contexto escolar sendo que para Luciano o motivo é que ele passa muito tempo na escola.

Diante dos elementos fornecidos por Luciano podem ser destacados alguns aspectos como: necessidade de ir a outros espaços, ambientes; relação professor-aluno; emoções e sentimentos.

O primeiro aspecto a ser analisado decorre da fala “eu já fico muito tempo aqui”. Para o aluno o maior tempo do seu dia é gasto na escola, em que mesmo ele gostando das professoras ele sente necessidade de frequentar outros lugares. Por meio de tal fala pode-se criar a hipótese de que o aluno sente falta de novas interações e novos meios. De acordo com Koshino e Martins (2011 *apud* Vigotski, 1994) o meio social é fonte de desenvolvimento, sendo que quanto mais variado for, maior a possibilidade de desenvolvimento do indivíduo.

O segundo aspecto refere-se à relação professor-aluno, sendo que ela é vinculada às emoções e sentimentos. Tais elementos referem-se à afetividade, considerando que o sentimento possui origem psicológica e posteriores à emoção, sendo que os sentimentos promovem o surgimento de elementos simbólicos. (LEITE e TAGLIAFERRO, 2005). Os sentimentos e as emoções possuem papel importante no contexto da relação professor-aluno por propiciar o estreitamento de relação entre os sujeitos.

Quando a conversa estava terminando Leandro terminou seu desenho, sendo pedido que ele esperasse só um minutinho. Quando Luciano foi ao seu lugar, Leandro entregou o desenho e disse: Olha, tem um arco íris.

Pesquisadora: Nossa, o seu desenho está lindo, você pode me dizer o que desenhou?

Leandro: Eu desenhei eu e vocês.

Pesquisadora: Que lindo, e por quê todas estão do mesmo jeito?

Leandro: Porque esse é o uniforme de vocês, mas olha o cabelo muda. (aponta para os cabelos no desenho).

Pesquisadora: Onde vocês estão?

Leandro: No gramado da escola, lá é muito legal e as professoras brincam com a gente.

Pesquisadora: Que legal. Obrigada e pode voltar a fazer as atividades.



Desenho do aluno Leandro

Este aluno surpreendeu a pesquisadora com a rapidez e confiança de suas respostas. De forma geral ele se demonstrou bem tranquilo e feliz em relação às professoras, sendo que durante as observações realizadas ele se demonstrava bastante inquieto e conversador. Foi uma experiência boa para a pesquisadora por possibilitar uma visão diferente acerca do mesmo aluno.

Diante das respostas um aspecto a ser considerado é a relação professor-aluno existente, semelhante a dita por Luciano, evidenciando o quanto o bem-estar promovido pelas relação entre os pares é significativa para os alunos.

O terceiro, e último, momento de análise refere-se às observações realizadas, considerando que tal método de coleta de dados é muito importante para compreender um pouco melhor as dinâmicas criadas no contexto escolar, além de proporcionar aproximação da pesquisadora com o grupo a ser estudado.

4.3. OBSERVAÇÕES

As observações foram realizadas durante os meses de Fevereiro e Abril de 2014. Foram realizadas 15 visitas à escola para as observações que foram previamente estabelecidas e agendadas pelas professoras durante todo o tempo de aula (5 horas e 30 minutos), no entanto, para efeitos deste trabalho foram selecionadas 5 observações intituladas:

1. Eu confio em você!
2. Acho que posso gostar de Inglês.
3. Vamos ler juntas?
4. Hoje não estou bem!
5. A aula de hoje foi muito interessante.

Tais episódios foram selecionados pela pesquisadora para serem analisados por eles trazerem elementos fortes na temática do trabalho como: emoção, confiança, sentimento, interesse e relação professor-aluno.

1ª observação: Eu confio em você!

Este episódio aconteceu no dia 17 de fevereiro de 2014 (segunda-feira) durante a aula de Português regida pela professora Carolina. Este dia foi após as duas semanas de adaptação proposta pela instituição. A professora estava começando a trabalhar mais

especificamente a leitura e a escrita, visto que o objetivo do primeiro ano do Ensino Fundamental é ser alfabetizado na Língua Portuguesa.

A aula começou com a roda de leitura e a explicação das atividades a serem realizadas no dia, após isso a professora entregou o caderno aos alunos e pediu que fizessem uma cópia do quadro acerca do que desejam aprender este ano. Enquanto os alunos realizavam a cópia a professora começou a olhar as agendas, depois de alguns minutos ela levanta e vai em direção a uma menina meio cabisbaixa, neste momento ela fala:

Professora: Você está bem?

Aluna: Sim

Professora: Você tem certeza?

Aluna: É porque eu não consigo copiar rápido, e eu não sei ler.

Professora: Mas nós estamos aprendendo, eu confio em você e estou aqui do seu lado para te ajudar a copiar.

Após essa breve conversa a professora puxou uma cadeira para o seu lado e começou a ditar as palavras sem soletrar, a partir disso a aluna começou a realizar a atividade, depois de um tempo a professora se levantou e observou que a aluna continuou copiando, conseguindo terminar a atividade proposta.

Este episódio foi significativo para a pesquisadora por ter ficado bem visível o quanto a boa relação professor-aluno e a boa vontade deles possibilita maior aprendizagem no processo educativo, além da sensibilidade da professora perceber que havia algo de errado com a aluna e ir perguntar, tentando depois solucionar o problema.

Diante da perspectiva da afetividade esse foi um fato marcante, pois segundo Mahoney e Almeida (2007) os sentimentos e as emoções estabelecem laços com o mundo humano, ou seja, essas são formas visíveis de expressar pensamentos e por meio delas possibilitar que o outro possa ajudar.

É válido ressaltar que o sentimento é posterior à emoção, sendo que durante o episódio anteriormente descrito fica visível essa temporalidade, uma vez que por meio da expressão da aluna de como ela estava se sentindo a professora pode ajudá-la criando sentimentos de uma para com a outra.

2ª observação: Acho que posso gostar de Inglês

Esse episódio aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2014 (quarta-feira) durante a aula de Inglês. Os alunos possuem aulas de Português no primeiro horário e no segundo horário aulas de Matemática, Ciência e Inglês ministrada na Língua Inglesa.

A aula começou com a tradicional rodinha em que a professora expõe a rotina no quadro e dá continuidade às letras do alfabeto. Durante essa semana ela está trabalhando as letras “Gg e Hh”. Por meio disso a professora começa fazendo o som das letras com eles e pede que repitam, durante essa atividade observo um aluno que se recusa a participar da atividade, porém a professora continua realizando o seu trabalho.

Depois dessa atividade ela pede para que os alunos digam palavras que comecem com tais letras, é uma bagunça total na sala porque os alunos ainda possuem dificuldade em realizar um dos combinados feitos em sala de aula: Levantar a mão para falar.

Diante da desorganização dos alunos a professora ficou um tempo parada, olhando para eles até que se acalmassem, depois que se acalmaram a professora conversou com eles da importância deste combinado e do respeito com os colegas que estão esperando sua vez. Depois de aproximadamente 5 minutos o quadro estava cheio de palavras escolhidas pelos alunos.

Após essa atividade a professora escolheu o lugar deles e pediu para que escrevessem no caderno o que quisessem com pelo menos uma das palavras do quadro. Depois de aproximadamente 20 minutos a professora passou olhando nas mesas para observar quais alunos haviam terminado a atividade, e quando chegou na mesa de um aluno ela ficou surpresa, pois ele tinha criado um texto de 10 linhas, mas optou por continuar vendo os outros colegas.

Depois de mais alguns minutos ela recolheu a atividade dos alunos e passou para a atividade de Matemática. No final da aula enquanto os alunos estavam organizando seus materiais para ir embora ela chamou esse menino e falou:

Professora: Eu percebi que você escreveu muito com apenas uma palavra, fiquei feliz por você.

Aluno: (...)

Professora: Você gosta de escrever?

Aluno: Eu gosto de escrever quando eu posso criar o meu tema, às vezes eu não gosto muito do que você pede para escrever.

Professora: Tudo bem, eu compreendo...Vamos fazer assim...eu fiquei muito feliz com o seu desenvolvimento na aula de hoje e percebi que você termina mais cedo do que os colegas, o que você acha de no momento livre escrever o que você quiser e depois me mostrar?

Aluno: Pode ser, acho que estou começando a gostar de Inglês.

Esse foi outro episódio significativo para a pesquisadora por mostrar que muitas vezes o aluno não se dedica a determinado conteúdo por falta de interesse, por não ter vontade de realizar a atividade. Por meio disso é válido mencionar novamente que a motivação segundo Piaget (2014) intervém nas estruturas da inteligência, sendo uma das formas visíveis de se perceber o grau de afetividade além do fato que os desejos do indivíduo é um dos elementos que direcionam a aprendizagem destes. (ALMEIDA, 1993 *apud* FREUD, 1915;1974)

Por meio deste e do outro episódio observei que as professoras tentam observar os alunos na sua individualidade, tentando ajudá-los e mostrar suas potencialidades, isso é muito importante para o trabalho docente, visto que mostra a relação e conexão criada entre os pares.

3ª observação: Vamos ler juntas?

Esse episódio aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2014 (quinta-feira) durante uma atividade de Leitura Guiada na aula de Português. Esta atividade consiste em a professora separar os alunos em grupo e pedir que leiam um texto em voz alta, com o objetivo que observar em qual nível de aprendizagem os alunos estão.

A aula começou com a roda de conversa em que as atividades são explicadas e é exposto a rotina do dia, sendo que naquele dia houve a “Hora Cívica”, um momento em que toda a escola vai para a quadra interna e são cantados os hinos, além de uma turma fazer uma apresentação.

Após este momento os alunos retornaram às suas aulas. Em uma conversa com a professora enquanto subíamos para a sala ela me disse que durante a Leitura Guiada chama um grupo de alunos que possua um nível de leitura parecido, sendo que ela começa com os alunos que ainda tem dificuldade e assim foi feito assim que chegou em sala. A professora entregou aos alunos uma ficha sobre o livro lido na roda e começou a chamar grupos de aluno para ler.

A pesquisadora ficou próxima à mesa da leitura guiada, tentando observar a interação da professora com o grupo de alunos. Embora os alunos não conseguissem ler muito bem, eles tentavam, exceto uma aluna que quando chegava na vez dela travava e não queria ler. A professora no primeiro momento insistiu para que a aluna participasse desse momento de aprendizagem, considerando que todos os colegas estavam ali aprendendo, mas a menina continuou sem querer ler. Por meio da atitude da aluna a professora deu continuidade à leitura

com os outros alunos e pediu para que a aluna fosse ao banheiro lavar o rosto, beber uma água e depois retornar à mesa.

Enquanto a aluna saiu da sala a professora terminou de realizar a leitura com os outros alunos e ficou esperando-a. Quando a menina chegou a professora falou:

Professora: Está tudo bem?

Aluna: Sim (com voz de choro)

Professora: Por quê você não quis ler?

Aluna: (...) Porque eu não sei.

Professora: Mas aqui é uma escola e estamos para aprender, vamos ler juntas?

Aluna: Você sabe ler e eu não.

Professora: Olha, eu estou aqui para te ajudar, sou sua amiga e podemos aprender juntas, até porque eu não sei de tudo.

Aluna: Tudo bem então.

Depois dessa breve conversa a conversa sentou ao lado da aluna e começou a ler com ela, no entanto toda vez que ela sentia que errava ela travava de novo e a professora pedia para que não desistisse.

Após alguns minutos a leitura havia sido finalizada e a aluna saiu bem contente dando um abraço na professora, e sem dizer nada foi ao seu lugar fazer a atividade que os outros colegas estavam realizando.

Esse episódio tornou-se interessante por mostrar que quando a criança se encontra diante de um desafio ela procura recuar e desistir, sendo que neste momento o professor deve estar atento e disposto a dar confiança e segurança aos estudantes.

Conforme Leite e Tagliaferro (2005) as emoções são reações organizadas sendo estas manifestadas pelo sistema nervoso central, considerando que a partir destes são observáveis os sentimentos, no presente caso a confiança depositada no professor. Este é um recurso muito importante por a partir dele a criança ter a possibilidade de abrir um mundo de aprendizagem.

4ª observação: Hoje não estou bem!

O quarto episódio marcante para a pesquisadora ocorreu no dia 10 de março de 2014 (segunda-feira) após o feriado de Carnaval. Os alunos voltaram agitados por conta do feriado, tendo sido necessário que durante a roda a professora reafirmasse os combinados.

Após o momento dos combinados, a professora leu um livro acerca da família com os alunos e pediu que todos acompanhassem a leitura e dissessem o que achou interessante.

Durante o momento da leitura observei que um dos alunos mais agitados da turma estava quieto e concentrado no canto lendo, mas fiquei apenas observando, a este aluno chamarei no presente trabalho de Joaquim. Após a leitura finalizada a professora lembrou que não havia perguntado sobre como foi o final de semana e feriado, então começou a pedir que os alunos escolhessem 3 coisas legais que fizeram e compartilhassem com os colegas.

Os alunos começaram a falar de viagens, passeios, filmes que assistiram, mas quando chegou na vez do Joaquim ele apenas disse que o avô veio visitá-lo e estava na casa dele. Depois de todos os alunos terem compartilhado algo a professora entregou a eles uma ficha de leitura para que desenhassem o que eles aprenderam sobre a história e escrevessem de forma espontânea.

Embora os alunos estivessem agitados eles realizaram a atividade de forma tranquila e satisfatória, enquanto isso fui conversando com a professora sobre como ela caracterizaria a turma e assuntos relacionados. Quando os alunos começaram a entregar a atividade. Quando Joaquim foi entregar sua atividade ele destacou a parte do tipo de família que possuem os avós morando na mesma casa. Diante disto a professora perguntou se ele gostava do avô e ele respondeu que muito.

Quando todos os alunos terminaram a atividade a professora passou a segunda atividade relacionada ao “Projeto Moradias”. No primeiro momento ela passou um vídeo acerca dos diversos tipos de moradias, explicando aos alunos quem vivia em cada uma delas, onde se encontravam e depois pediu que os alunos escolhessem dois tipos que acharam mais interessante para que juntos construíssem o mural da sala.

Durante toda a atividade Joaquim se encontrou isolado do grupo, então após a atividade a professora disponibilizou alguns jogos educativos para que eles pudessem brincar. Enquanto os alunos brincavam ela chamou Joaquim no canto da sala e perguntou:

Professora: Aconteceu algo Joaquim?

Joaquim: Mais ou menos.

Professora: O que houve?

Joaquim: Eu não queria ter vindo para a escola, queria ficar em casa com meu avô.

Professora: (...) Bom, pensa que quando você voltar da escola vai ter alguma coisa legal para contar a ele.

Joaquim: Mesmo assim queria ter ficado em casa, hoje eu tô triste.

Professora: Olha, se você não viesse sentiria muito a sua falta.

Joaquim: S3rio?

Professora: Sim, ent3o vamos tentar animar um pouquinho?

Joaquim: Vou tentar.

Neste momento um dos colegas de futebol de Joaquim o chamou para brincar e ent3o ele perguntou: Hoje posso brincar de futebol com voc3s? Ent3o o colega respondeu que sim e que ele queria que Joaquim fosse do time dele.

Observei durante um tempo as crian7as brincando ent3o percebi que Joaquim j3 tinha voltado a ser aquela crian7a sorridente e agitada que conheci. Por meio disto a pesquisadora deduziu que Joaquim precisava sentir que ali na escola ele tamb3m era importante e que seus sentimentos interferiam nos outros, ou seja, que as suas emo73es possu3am um poder pl3stico, expressivo e contagioso que estabelecia seus primeiros la7os com o mundo. (MAHONEY e ALMEIDA, 2007).

5ª observa73o: A aula de hoje foi muito interessante!

Este epis3dio aconteceu no 3ltimo dia de observa73o da pesquisadora, 21 de mar7o de 2014 (sexta-feira). Ele ocorreu durante a aula de Ingl3s, por ser sexta-feira a rotina 3 mais flex3vel e tranquila, sendo que a maioria das atividades dos centros j3 foram finalizadas. A aula come7ou com uma roda de leitura acerca dos cinco sentidos, observei que quando a professora come7ou explicando que hoje eles iriam ter aula de Ci3ncias todos eles vibraram.

A professora come7ou com um livro explicando os cinco sentidos do nosso corpo e qual o 3rg3o respons3vel, ela conseguiu dinamizar bem tal conte3do ensinando a eles uma m3sica para n3o esquecerem os cinco sentidos.

Ap3s eles cantarem e o livro ter sido lido ela pediu que os alunos ficassem em p3 fazendo uma forma e iria brincar com eles da seguinte forma: “Eu vou falar o nome do sentido e voc3s dever3o tocar na parte do corpo respons3vel, sendo que quem errar vai sentar”. E assim foi feito.

Os alunos se divertiram muito com a din3mica, depois disto ela entregou aos alunos uma folha com os cinco sentidos e pediu que eles colocassem dentro do bal3o coisas que lembrassem o sentido, por exemplo: Eu vejo... a escola, colegas, minha m3e.

Pode ser observado que os alunos gostaram muito da atividade, sendo que enquanto eles faziam a professora chamava um aluno por vez para fazer uma avalia73o da leitura. Quando todos terminaram a atividade ela entregou a alguns alunos atividades incompletas da semana para que pudessem finalizar e os outros podiam brincar.

No final da aula, quando a professora já estava organizando a fila alguns alunos vieram até ela, a abraçaram e disseram: Hoje a aula foi muito interessante! Por meio deste gesto de carinho observei que a professora ficou bastante emocionada e feliz retribuindo o abraço aos alunos.

Por meio deste episódio verificou-se que um conteúdo pode se apresentar interessante aos alunos pela forma que o professor apresenta, demonstrando a sua dedicação em preparar uma aula que atenda as expectativas dos alunos. Conforme Marchand (1985) o professor deve realizar sempre uma reflexão sobre como está ocorrendo sua prática pedagógica de forma a fazer com que os alunos aproveitem ao máximo os conteúdos ensinados de forma prazerosa e motivadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a observar como se dá a relação afetiva entre professor-aluno no contexto da alfabetização, partindo do pressuposto que o bom relacionamento entre os pares é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo, uma vez que os alunos ficam muitas horas do seu dia dentro de sala de aula.

A afetividade é uma temática que tem ganhado destaque no contexto educacional, sendo considerada importante durante as práticas pedagógicas. Atualmente as crianças passam 5 horas e 30 minutos dentro de uma sala de aula, por isso se torna muito importante que ocorra uma identificação entre os sujeitos.

O presente trabalho abordou um tema importante para os Pedagogos: A alfabetização. Por meio de teóricos envolvidos na discussão do presente trabalho observou-se que são depositadas muitas expectativas nesse processo, ou seja, as crianças são pressionadas desde o início do ano escolar a aprenderem a ler e escrever, como se esse fosse o requisito para ser considerado ser humano.

Entretanto esquecemos de perguntar o que a criança sente, sendo que o bem-estar do indivíduo é essencial no processo de aprendizagem. Ao analisar a relação professor-aluno observou-se que a mesma está presente em situações cotidianas. Por meio de episódios selecionados observou-se que as professoras tentam promover um bom relacionamento com os alunos, considerando cada um em sua especificidade.

Com relação a identificar e analisar as influências na aprendizagem de um professor afetivo, considerou-se que este objetivo foi um pouco pretensioso, mas julguei ser importante tentar alcançá-lo.

As entrevistas revelaram importantes achados, pois elas possibilitaram que as professoras refletissem e respondessem alguns questionamentos, dentre eles se o planejamento da turma é feito considerando sua relação com os alunos. Além das entrevistas as observações mais uma vez desempenharam um papel importante para alcançar este objetivo, pois para a pesquisadora nada se iguala a vivenciar momentos. O terceiro instrumento de análise foram os desenhos, este foi uma técnica de coleta de dados importante por ter um olhar dos alunos no presente trabalho, considerando que eles são a parte essencial do processo ensino-aprendizagem.

Por meio dos dados coletados houve a possibilidade de realizar uma análise e reflexão teórica acerca dos fatos relatados em cada um. No entanto ainda possuo

questionamentos para pesquisas futuras. O primeiro questionamento é referente à entrevista. Será que os professores realizam seu trabalho pedagógico pensando sempre na afetividade com os alunos? Será que esta é a forma certa? E como ficaria a turma que o professor não tivesse bom relacionamento?

Acredito que para se obter respostas para os questionamentos é preciso mais vivência com a prática e leituras acerca desta temática, no entanto acho importante que os professores não se esqueçam que eles devem dar o melhor do seu trabalho de forma que todas possuam as ferramentas para aprender, principalmente serem alfabetizados, a base para os estudos futuros.

Enfim, trabalhar a relação da afetividade professor-aluno no contexto da alfabetização ainda não está esgotada e nem pretendeu-se isso no presente trabalho. No entanto é importante lembrar sempre que o bom relacionamento entre pares e entre professores e alunos dentro do contexto escolar é essencial para a aprendizagem dos estudantes, pois por meio dela os alunos terão maior chance no processo ensino-aprendizagem, pois o desenvolvimento acontece de forma segura e confiante.

PARTE III
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Pensar acerca do futuro é algo prazeroso, mas ao mesmo tempo agonizante por sempre querer que ele chegue logo e da maneira como pensamos. Neste momento de conclusão de curso deparo-me diante de diversos questionamentos diários, dentre eles a mudança de rotina.

O presente trabalho encerra a primeira etapa profissional, sendo que este carrega um grande peso: a vontade nunca parar de estudar. Desde os 3 (três) anos estou dentro de um ambiente escolar, tornando esse momento mais duvidoso do que outro em que me questiono se devo descansar um pouco ou continuar a estudar sem parar. A resposta mais atrativa é a de nunca parar de estudar e aprender.

Meu objetivo atualmente é estudar para o concurso da Secretaria de Educação, concomitante com outros concursos para pedagogos. Meu objetivo é aliar cada vez mais teoria e prática, sendo que por meio da prática vivenciada tem-se elementos para repensar teorias vigentes.

De modo a aprimorar meus conhecimentos adquiridos durante a graduação pretendo cursar uma pós-graduação na área de Alfabetização e outra na área de Estimulação Pedagógica. Tais temáticas estão na minha cabeça até o momento, mas acredito que possa mudar de ideia com o passar do tempo, no entanto, não pretendo me afastar da área da Educação por desejar também fazer um mestrado e doutorado na profissão que decidi atuar.

A minha pretensão em continuar os estudos reside no desejo de ser uma profissional de diferença podendo contribuir imensamente com os meus colegas de profissão, mas principalmente, com meus alunos. Prefiro não pensar que tais escolhas são difíceis, mas que são mais um obstáculo a ser ultrapassado e que com força e determinação conseguirei para ser uma profissional competente.

Sei que esse é um caminho difícil de percorrer, mas pretendo esforçar-me e estudar bastante para poder alcançar esse objetivo, na busca de poder proporcionar aos meus futuros educandos o melhor que eu posso oferecer como profissional da área de Educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **O que é afetividade?** Reflexões para um conceito. 2008. Disponível em: <<http://www.cefetes.br/gwadocpub/Pos-Graduacao/Especializa%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o%20EJA/Publica%C3%A7%C3%B5es/anped2001/textos/t2004446634094.PDF>>. Acesso em 20 mai 2014.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (org.). **Afetividade e aprendizagem:** contribuições de Henri Wallon. Edições Loyola, São Paulo, 2007. 175 p.

ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. **O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender.** *Temas psicol.* [online]. 1993, vol.1, n.1, pp. 31-44. ISSN 1413-389X. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X1993000100006&script=sci_arttext>. Acesso em 10 out. 2013.

ALVES - MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais:** Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. Editora Thomson, 2 ed. 1999.

ARGYLE, M. **Comunicação e Dinâmica de Grupo.** Bases Psicológicas. São Paulo: Ibrasa, 1974.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COX, Maureen. **Desenho da criança.** São Paulo: Martins Fontes, s.d.

DIÁRIO NA ESCOLA. **O que é letramento.** Disponível em: <<http://www.verzeri.org.br/artigos/003.pdf>>. Acesso em 15 abr 2014.

FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em processo.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. 141 p.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FERREIRO, Emilia; PALACIO, Margarita Gomez. **Os processos de leitura e escrita**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FLICK, Uwe. **Introdução à Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2013. 256 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

FREUD, Sigmund. **Obras completas**. Madrid; Biblioteca Nueva, 1997.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes. 3 ed. 1995. 134 p.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 5 ed. 1999.

GODOY, Arlida Shmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29. Mai/Jun 1995.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

KOSHINO, Ila Leão Ayres; MARTINS, João Batista. **Questões do desenvolvimento infantil em Vigotski e seus desdobramentos para a educação**. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. SIRSSE. Disponível em: <http://www.academia.edu/1960701/Questoes_do_desenvolvimento_infantil_em_Vigotski_e_seus_desdobramentos_para_educacao>. Acesso em 20 abr 2014.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; GAZOLI, Daniela Gobbo Donadon. **Afetividade no processo de alfabetização de jovens e adultos**. EJA em Debate. Vol. 1, n. 1 nov. 2012. Florianópolis. Disponível em: < <http://incubadora.periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/314/pdf#.U6Y6IZRdWcF>>. Acesso em 02 fev 2014.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TAGLIAFERRO, Ariane Roberta. **A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), Campinas, v. 9, n. 2, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572005000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2013.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psicologia da educação, São Paulo , n. 20, jun. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752005000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 out. 2013.

_____. **A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MARCHAND, Max. **Afetividade do educador(a)**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1985. 195 p.

MELLO, S.A. **A escola de Vigotski**. In: CARRARA, K. (org). Introdução à psicologia da educação. Seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004. Cap. V, pág 135 a 155.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 9 ed. Coleção espaço. São Paulo: Loyola, 1984.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994**. São Paulo: Unesp, 2000. 371 p.

_____. **História dos métodos de alfabetização do Brasil.** Abr 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf>. Acesso em 07 mai 2014.

MÜLLER, Luiza de Souza. **A interação professor-aluno no processo educativo.** Nov/2012. Disponível em: <http://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>. Acesso em 20 mai 2014.

PEREIRA, M. C. R. ; VELIAGO, R. ; SOLIGO, R. **Programa de desenvolvimento profissional continuado.** A secretaria, Brasília, 134 p.: il Modulo Alfabetizar com textos. 1. Alfabetização. 2. Ensino fundamental. 3. Formação de professores. I. Título, 1999.

PINO, Angel. **A criança e seu meio: contribuição de Vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação.** *Psicol. USP* [online]. 2010, vol.21, n.4, pp. 741-756. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000400006>. Acesso em 06 dez. 2013.

QUELUZ, Ana Gracinda. **O Trabalho Docente: Teoria e Prática.** São Paulo: Editora Guazzelli, 1999.

REVISTA BRASIL ESCOLA. **Emilia Ferreiro, a estudiosa que revolucionou a alfabetização.** Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/estudiosa-revolucionou-alfabetizacao-423543.shtml>>. Acesso em 27 abr 2014.

SNYDERS, George. **Alunos Felizes.** 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos.** Revista Pátio – Revista Pedagógica de 29 de fevereiro de 2004. Ed. Artmed. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>>. Acesso em 01 mai 2014.

TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY LANDSMANN, Liliana (Coord). **Além da alfabetização**: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática. 4ed. São Paulo: Ática, 2000. 295 p.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas. 1987. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/84708933/Livro-Introducao-a-pesquisa-em-Ciencias-Sociais-Trivinos>>. Acesso em 06 mai 2014.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. *Educ. Soc.* [online]. 2004, vol.25, n.87 [cited 2014-04-26], pp. 616-620 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000200015&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302004000200015>>. Acesso em 10 abr 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 486 p.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da criança**. Lisboa, 1979.

ANEXOS

ANEXO I



**Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos**

TERMO DE CONSENTIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Eu, _____, RG,
_____ Órgão Expedidor _____

Autorizo a estudante Ágnes Alves de Araújo, cuja monografia que está desenvolvendo possui como tema “**RELAÇÃO DA AFETIVIDADE PROFESSOR-ALUNO NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO**”, sob orientação da Prof.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas na entrevista da qual participo, por meio das respostas gravadas e transcritas, obedecendo aos critérios da ética na pesquisa, em que está assegurado total anonimato.

Declaro-me ciente e concordo com o acima exposto.

Brasília, _____ de _____ de 2014.

Assinatura do participante

Ágnes Alves de Araújo

Aluna de Graduação

Faculdade de Educação – Universidade de Brasília

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Data de nascimento: ___/___/___

Formação Acadêmica:

Tempo de experiência como professora:

Tempo de experiência na série?

- 1) Como você caracteriza a turma?**

- 2) Você conhece a teoria de Wallon?**

- 3) Para você, como se dá a relação de afetividade professor-aluno em sala de aula?
Tem distinção em como se dá e como deveria ser?**

- 4) Atualmente, você planeja seu trabalho pensando em como é seu relacionamento com a turma? Por quê?**

- 5) Você tem alguma consideração acerca da temática: Relação Afetividade Professor-Aluno no contexto da alfabetização?**